

NO REFÚGIO DOS **CONTOS E POEMAS**

CORVOS

TERROR, AVENTURA E SUSPENSE



ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores
Obra protegida por direitos autorais
2021
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS CONTOS OU POEMAS

Três corpos erguidos, por Cristiane de Mesquita Alves, pág. 05

O necrotério, por Danilo Seraphim, pág. 08

A expedição Kaipang, por Gilson Salomão Pessôa, pág. 12

O escolhido, por José Júnior, pág. 18

Delírio, por José Martino, pág. 22

Nia-Gwahe-hi-Gowa, por Ney Alencar, pág. 27

O espectro do Castelo de Morande, por Ney Alencar, pág. 34

Sono maldito, por Roberto Minadeo, pág. 38

Entre corvos e morcegos, por Roberto Schima, pág. 45

A morte, por Vinicius Leal, pág. 54

Contêiner sombrio, por William F. Eugênio, pág. 57

Conheça outros títulos da coleção, pág. 62

Organização, capa, arte e diagramação: Ademir Pascale

E-mail: ademirpascale@gmail.com

VISITE:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

www.instagram.com/revistaconexaoliteratura.com.br

www.facebook.com/conexaoliteratura





*E o corvo, na noite infinda, está ainda, está ainda
No alvo busto de Atena que há por sobre os meus umbrais.
Seu olhar tem a medonha cor de um demônio que sonha,
E a luz lança-lhe a tristonha sombra no chão há mais e mais,

Libertar-se-á... nunca mais!*

— Trecho do poema O Corvo — Edgar Allan Poe

(Tradução de Fernando Pessoa)



APRESENTAMOS O CONTO
TRÊS CORPOS ERGUIDOS

Por Cristiane de Mesquita Alves

Sobre a autora: Doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pelo PPGCLC/ Unama/ Bolsista Prosup/CAPES. Professora de Literatura (ILC/UFPA). Escreve poesias e contos, além de artigos, resenhas, capítulos de livros e livros acadêmicos. Autora do livro de poesias Riscos de Mulher (Editora Todas as Musas).

A calmaria da cidade pequena, com sua única ponte de entrada e saída para moradores e transeuntes era demasiadamente assustadora para um único lugar. Sem ela, como elo entre dois mundos, fazia com que nos sentíssemos em uma caixa apertada, embora, poucas pessoas ainda se convencessem a viver ali. Eu era uma dessas que se acostumou com a sensação de viver vizinha de três sombras em esboços de corpos que se desenhavam na miúda estrada sob a luz do sol, ou rabisavam para o outro lado, refletindo-se nas ondinhas do rio, sob a luz do luar.

A primeira vez que meus olhos as viram, petrifiquei-as dentro de mim, como três figuras de três jovens mulheres altas e magras, ambas com cabeleiras enormes dançando ao vento, entre fios e uma longa corda, como um colar envolto aos seus pescoços. Tinha 13 anos, quando elas embaçadas nas curvas do rio apareceram para mim. Fui buscar água para minha mãe, que por instinto, vinha atrás de mim, e me proibiu de expressar o que tinha acabado de sentir: “Você não viu nada.” Meu pai e meu irmão, nunca tiveram sensações estranhas, talvez porque eles nasceram em uma sociedade que não fossem para as mulheres. Proibiram eles de sentir medo.

Com o passar do tempo, muitas mulheres partiram de Smyrna, algumas que só sabíamos notícias; as que rezavam e as que casavam ficavam. As mais velhas enlouquecidas contavam histórias da ponte, e dos três portes grandes erguidos que ficavam de frente ao rio, como se fossem três armadilhas de carapuças, prontas para jogar algo ou alguém. Minha avó era uma dessas que perdeu a sanidade. Ela também via as sombras de três corpos erguidos, como se antes pertencessem cada um, a cada portecruz construído na entrada da cidade. Eu não tinha a idade da minha avó, eu não gostava de rezar publicamente e nem queria me casar. Minha mãe me proibiu de expressar o que tinha acabado de pensar. Nada acontecia com minha mãe, ela se casou e ela rezava. Para protegê-la dos olhares dos donos de Smyrna, quando cheguei a certa idade, aceitei que minha mãe me levasse a um lugar que chamavam de igreja.

Outras moças de minha idade estavam lá. Elas foram ensinadas a não comentar. Ajoelhei como elas, por muito tempo. Olhava atentamente várias estátuas que eram chamadas de santas por minha mãe. Uma olhava atentamente para mim e para uma porta que estava aberta, na direção do altar. Olhei para todos os lados. Só nos bancos da frente, as meninas cabisbaixas simulando suas orações. Levantei para seguir o olhar de uma das santas. A mais bonita e graciosa em todo o altar. Uma das rezadeiras se espantou com

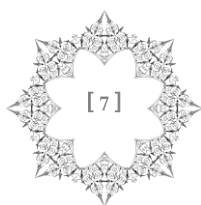
minha ousadia de levantar antes da ordem. Não me preocupei. Elas foram treinadas para não comentar!

Como um milagre, meus passos mal davam para serem percebidos ao tocar aquele piso, limpo, de muito brilho. Cheguei à porta da sala que estava aberta. Entrei cautelosamente. Uma enorme biblioteca apareceu como outro milagre. Não sei se a Santa estava tentando me convencer de algo bom, mas segui, sem pensar nas penalizações. Naquela sala enorme, havia muitos livros. Eu sabia pouco ler. No meio de muitos volumes, minhas mãos tocaram em um. Estava quente, como se tivesse saído de uma fogueira. Ouvei outros passos vindos do salão principal da igreja. Deixei o livro para tentar sair dali.

Quando o soltei, não resisti. Toquei-o novamente e me atrevi a abri-lo. Ao fazê-lo, na página 666 havia a imagem de três mulheres amarradas, cada uma, em um porte em chamas na entrada de Smyrna. Eu não tinha mais 13 anos, mas elas estavam novamente ali. Os passos estavam mais próximos. Chegaram a mim. Olhei para a Santa. Seus olhos, agora, estavam fechados melancolicamente. Um homem que se disse representante de um deus, olhou-me assustado. Viu o livro aberto em minha mão. Acusou-me de coisas que eu não sabia o porquê. Proibiu-me de voltar para minha casa. Minha mãe tinha acabado de chegar para me buscar. Saiu de lá aos prantos e desesperos.

Dormi em uma sala escura, fria e vazia. Não me ofereceram nem o jantar. No outro dia, levaram-me a ponte. Acusaram-me de feitiçaria e de roubo do livro sagrado de Salomão. Pediram para eu confessar. Ergueram uma corda no terceiro porte. Olhei para minha família lá embaixo. Minha avó enlouquecida estava cada vez mais lúcida e serena. Sorria desdentada. Enquanto os homens lá embaixo professavam o medo e a descrença. As sombras dos três corpos se reergueram. Senti que duas mãos claras e pálidas desamarravam a corda em torno do meu pescoço. Eu estava livre.

As rezadeiras da igreja vieram me ajudar. Para os homens proibidos de sentir medo, tudo aquilo era insólito. Correram como cobras e lagartos peçonhentos. Algumas mulheres ficaram. Derrubamos os portes. Quebramos a ponte. Senti as sombras da infância mais definidas ao meu lado. Olhei para minha mãe, que tinha acabado de decidir, de sair da caixinha apertada e olhar como seria a vida do outro da ponte. Ela não me proibiu de partir. Aprendi naquele dia, como se acontece um milagre.





APRESENTAMOS O CONTO

O NECROTÉRIO

Por Danilo Seraphim

Sobre o autor: Natural de Carlópolis, Estado do Paraná, é advogado, professor de Literatura e Língua Portuguesa, Membro Titular da Academia Independente de Letras: "Ordem Scriptorium" e amante dos livros, escreveu alguns contos com influência de Stephen King, Edgar Allan Poe e H.P Lovecraft. Publicou os livros "A Cura Adormecida- O Terceiro Segredo", pela Editora Peresin e Clube de Autores e "A Serraria" (Terror), pela Editora, Scriptorium e Clube de Autores. Foi classificado para publicação das seguintes Antologias: "Terror Natalino" (EHS Edições), "The Terror King" (Selo Editorial Independente), "O Legado de H.P. Lovecraft" (Revista Conexão Literatura), "Creepy Pastas-Setealém" (Lendari Editora), "Histórias para Ler e Morrer de Medo-Contos e Poemas de Terror" ((Revista Conexão Literatura), "Lugares Sinistros", "Slashers", "Malditos Lobisomens" (Darkbook Edições), "As Fábulas Brasileiras - Contos e Poemas em Homenagem a Monteiro Lobato" (Editora AZ7) , "Circo dos Horrores" (Editora Círculos Soturnos) e "Antologia Poe" (Selo Editorial Independente).

Não espero que acreditem nos relatos que adiante contarei, pois minhas próprias percepções se negam a aceitá-los.

José Trindade era um homem magro, de estatura mediana. Deveria ter uns sessenta anos.

Ele usava um tênis conga azul de jeans “cansado” e uma camisa “ustop” de dois bolsos com um maço de cigarro Arizona, cujas pontas do tabaco eram exibidas em um dos bolsos.

Trindade era vigia no supermercado Montreal na Cidade de Cárpoles ao norte do Estado do Paraná.

Até não sei porquê contratavam um homem magrelo e fraco que fumava mais que um motor de opala 1969 (e tinha apenas um cassetete na cintura), para ser vigia de supermercado das sete da noite às seis horas da manhã do dia seguinte.

Houvesse um conflito, certamente os ladrões (normalmente armados) levariam a melhor.

Mas, parece que o senhor Trindade era homem de respeito naquele lugar e já fazia mais de doze anos que vigiava o estabelecimento, sem nenhuma intercorrência.

E foi em uma noite dessas, lá na Província de Cárpoles, mais precisamente em uma madrugada, que ele começou a ouvir barulhos vindo do necrotério, que distava aproximadamente cem metros do supermercado e logo abaixo, mais uns cem metros era a “cidade da última morada”.

Os proprietários do Mercado nunca tiveram problemas com a clientela por causa disso, pois como a gente sabe, o mercado funcionava durante o dia e por essa razão, ninguém se preocupava com sua localização, pelo fato de estar próximo ao cemitério.

Mas naquela noite, Trindade ficou perturbado. Afinal, nesses doze anos, ele jamais teria ouvido aquele som peculiar.

Era um tipo de “voz” aguda e velha com uma certa rouquidão de tom feminino (com um tipo de presbifonia intensa) misturada a um crocitar ou corvejar de corvo.

Ao mesmo tempo que a voz emitia aquele som peculiar, ouvia-se uma batida forte de latão dentro do necrotério.

Trindade, homem velho, vivido e sofrido, passara de tudo na vida e não tinha medo de nada. Só não enfrentara o diabo porque o bicho ainda não havia cruzado seu caminho.

Mas, mesmo assim, naquela madrugada fria do mês de agosto, ele ficou impressionado, já que em todos esses anos, era a primeira vez que ouvia aquele tipo de coisa. Aquele som perturbador misturava-se ao canto agourento das corujas e o cricrilar dos grilos e tudo era escuro e absolutamente sombrio.

Ele acendeu seu lampião de querosene que sempre levava consigo (lá pelas duas ou três horas da manhã) e se dirigiu ao necrotério. As batidas no latão foram mais intensas e aumentavam significativamente, quanto mais ele se aproximava.

Trindade Clareou a parte de trás do necrotério e naquele dia não havia corpos, não havia cadáveres guardados ali.

Ele conseguiu destravar uma das janelas e clareou forte o “farolim” de querosene.

Era uma criatura horrenda, um tipo de corpo inteiramente liso que parecia ter estado em decomposição e retornado agora. Mas andava de mãos e pés nos chãos como se, de quatro patas igual a um cachorro. Os olhos eram negros e brilhantes.

O velho Trindade ficou branco e balançado e sentiu um forte arrependimento por não ter comprado um 38 do compadre Atanásio quando teve oportunidade, pois assim, teria estourando os miolos (se é que havia) daquela coisa horripilante.

Mas, aquele espírito deformado e com aparência extraterrestre emitiu uma voz rouca, trêmula e assustadora que o vigia conseguiu ouvir. O grito disse em um tilintar medonho:

“Sepultura 21”.

José trindade, correu mais do que podia e desceu, pulando o muro do cemitério, adentrou à ala direita em direção ao jazigo 21 e ouviu vozes de desespero e socorro.

Ele “voou” de volta para as proximidades do mercado e apanhando as ferramentas, novamente desceu em direção à sepultura 21 e com cuidado removeu o concreto ainda mole.

Seu horror aumentou ainda mais quando uma moça morena de vestido vermelho, correntes, anéis e brincos de ouro pelo corpo saiu correndo ofegante e em desespero aos gritos insanos que ele não mais conseguia definir.

Ele se recordou que, naquele mesmo dia havia falecido a filha do maior fazendeiro de Cárpoles.

Ao subir de volta, José Trindade estava abatido, assustado e confuso.

Ele iria arrombar a porte do necrotério e entrar, quando o corpo médico do hospital de Cárpoles trazia mais um corpo para ficar ali até o velório do dia seguinte.

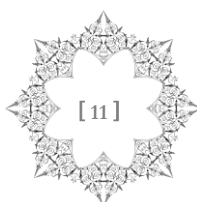
Tremendo forte e sem entender nada, ele apenas ouviu quando o coveiro do cemitério chegou ao necrotério e confirmou aos médicos:

“Ela será enterrada amanhã, na sepultura 21, seus pais já deixaram tudo certo”.

Era a moça morena de vestido vermelho, correntes, anéis e brincos de ouro pelo corpo, exatamente a mesma da sepultura 21 que ele teria avistado e agora era trazida para “repousar” no necrotério até seu velório e sepultamento no dia seguinte.

José Trindade voltou à sepultura e havia apenas um buraco aberto, preparado para sepultamento.

Ele partiu de Cárpoles no início daquela manhã, sem que nunca mais ninguém tivesse qualquer notícia dele.





APRESENTAMOS O CONTO
A EXPEDIÇÃO KAIPANG

Por Gilson Salomão Pessoa

Sobre o autor: Formado em Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Colunista na área de Cultura Pop em sites como o site da Editora Panóplia (<https://www.editorapanoplia.com.br>) e Revista K7 (www.revistak7.com.br), já publicou dois livros, um de prosa e um de poesia. Atualmente trabalha como funcionário público na Secretaria de Cultura de Matias Barbosa, Minas Gerais.

Alphonse Mortimer Terceiro subiu apressado a escadaria da sede do Clube de Exploração e Cartografia de Midwaffle naquela manhã quente de 1923 no Reino Unido. Uma expedição havia retornado do Ártico com o diário congelado de James Clifford, um antigo membro da organização que havia partido em uma excursão ao Oriente, afirmando ter provas conclusivas de que o lendário Yeti realmente existia e iria capturar um para ser empalhado, sendo que uma simples fotografia já bastava. Desapareceu e nunca mais retornou. Todos estavam muito ansiosos para saber de seu paradeiro. No salão já estavam todos os membros reunidos junto ao Almirante Clements, que foi quem trouxe a brochura.

— Vocês o encontraram? Talvez ele esteja vivo. — disse Alphonse com um pouco de remorso porque havia zombado muito da proposta do colega antes de sua viagem.

— Nós o encontramos dentro de uma caverna, sentado com as mãos no rosto. Na minha humilde opinião ele morreu congelado e gritando de pavor. Essa visão irá assombrar os meus pesadelos pelo resto dos meus dias.

— E o diário? Como vai indo o descongelamento? Precisamos saber o que aconteceu com ele.

— Estamos fazendo de forma lenta, pois o nosso maior receio é o gelo se transformar em água muito rápido e borrar o texto, comprometendo assim a leitura do mesmo. Na verdade, agora as páginas estão somente úmidas, pois ele descongelou na viagem de volta. A publicação estava sobre a mesa. Alphonse tirou a sua luva de couro e começou a folhear a mesma com cuidado.

A narrativa contava a história do viajante, que partiu com sua equipe com destino à Cordilheira do Himalaia para encontrar a misteriosa criatura, mas no meio do caminho acabou se desviando de seu curso por causa de uma avalanche e descobriu por acidente uma cidade revestida de ouro chamada Kaipang, onde foram muito bem recebidos. Entretanto, algo deu muito errado e ele acabou sendo perseguido por alguma coisa até os confins do Ártico, onde passou os seus últimos dias.

Grande parte dos exploradores ficou obviamente atraída pela oportunidade de revisitar esta nova civilização, especialmente pelo fato de a mesma conter em abundância o metal tão cobiçado pela humanidade ao longo dos anos. Alphonse, entretanto, ficou pensando no que poderia ter assustado alguém a ponto de fugir para tão longe, perder suas forças e

finalmente sucumbir no gelo. Estudou o diário com afinco e copiou em um novo caderninho todas as anotações, sejam elas símbolos, desenhos ou textos. As instruções para chegar lá estavam bastante precisas, o que levou alguns grupos mais ansiosos a partirem antes dele para conquistar o referido local. Ele não se importou com isso, seu interesse no local era outro. Tomou seu tempo e analisou, comparou, estudou. Escreveu suas deduções para finalmente montar um grupo. Colocou um anúncio no jornal e fez a sua seleção.

A sua equipe incluía o Chef Dante, o escocês especialista em armas Wallace Flint, O cartógrafo francês Marlon e o biólogo italiano Matteo, além de Bóris, o buldogue de Alphonse que os acompanharia como mascote.

A viagem até o norte da China, onde ocorreu a avalanche seguiu sem problemas. Não foi preciso checar no diário para saber a direção que Clifford tinha tomado: uma trilha estreita dentro de uma floresta densa era o único caminho possível. Seguiram a pé. O sol estava se pondo e começava a escurecer.

— Tenho a estranha sensação de que estamos sendo seguidos. — disse Marlon

— Muito provavelmente um animal, um urso talvez. — completou Wallace

— Bóris está alerta, não se preocupem. Ele vai dar o sinal se alguma coisa aparecer, não é, garoto? — disse Alphonse fazendo um cafuné no seu amigo canídeo.

O caminho foi ficando cada vez mais estreito e escuro. Começaram a ouvir uma respiração abafada, seguida de um rosnado.

— Acho melhor a gente procurar logo u lugar para acampar e montar uma fogueira. — disse Matteo. — seja o que for essa criatura não vai abandonar a gente tão cedo.

Seguiram andando no escuro até encontrarem uma pequena clareira, onde se instalaram para passar a noite. Comeram carne seca com feijão enlatado e revezaram turnos de vigia com a arma de Flint. Dante foi quem avistou a ameaça mais de perto. Foi durante a madrugada. Estava de guarda e quase dormindo quando Bóris o acordou latindo muito. Abriu os olhos e viu uma criatura peluda, andando em duas patas enquanto segurava e comia um pequeno animal, mais ou menos do tamanho de um coelho. Tentou espremer os olhos para tentar enxergar melhor, mas não viu nada com clareza.

No dia seguinte seguiram andando e de repente avistaram um esqueleto humano encostado embaixo de uma das árvores no caminho. Presumiram que fosse de um dos primeiros exploradores que talvez tivesse sido atacado por um animal ou tivesse sido picado por uma cobra, terminando assim brevemente a sua jornada antes mesmo de começa-la. A vegetação ia ficando cada vez mais seca e escura, enquanto a trilha de terra ia adquirindo gradativamente a consistência de um barro fétido. O cenário foi se tornando cada vez mais mórbido e desértico, a medida que avançavam. Nada disso era novidade para Alphonse, pois estava tudo muito bem descrito no diário.

Ainda que o líder da expedição estivesse ciente do terreno em que seu grupo estava, nada os preparou para a estranha revoada de morcegos que subitamente os atacou. Era diferente de qualquer espécie que eles tinham visto antes. Eram morcegos cabeça de martelo, com um tamanho enorme e um estranho apetite por sangue. Matteo afirmou que eles normalmente se alimentam de frutas, mas alguma coisa havia modificado a sua dieta e o seu comportamento. O cartógrafo ganhou várias mordidas no braço e Dante levou uma na cabeça. Wallace matou tantos quanto pode e Matteo usou uma vara comprida para agitar e atrair os marsupiais para longe, enquanto corria e pensava em como se livrar deles.

De repente o biólogo foi atacado pela criatura da noite anterior, que mordeu o seu pescoço, matando-o assim instantaneamente. O restante da equipe ficou tão chocado com aquela cena que Wallace mal teve tempo de sacar a sua arma e dar alguns tiros. O buldogue foi correndo e mordeu a perna esquerda da criatura, que agitou o seu braço e o arranhou com as garras afiadas da mão, causando ferimentos profundos no valente cão. Boris soltou um ganido e caiu deitado no chão, para desespero de seu dono que foi correndo em sua direção com muita raiva, enquanto atirava sem mirar na criatura que o encarava sem medo. Agora ele podia enxergá-la melhor: tinha os olhos amarelos e pelos por todo o corpo, um aspecto humanoide e a boca arreganhada, cheia de dentes pontudos, soltando guinchos ensurdecedores. Como ela não recuava perante o constante avanço de Alphonse, Wallace teve a ideia de atirar uma rede para imobilizá-lo.

O explorador era uma mistura de ira e surpresa, pois tinha descarregado uma pistola na criatura e não tinha afetado a mesma em nada. Talvez tivesse sido isso que tinha afugentado Clifford para tão longe. Ainda assim vários mistérios continuavam sem explicação, como a própria existência daquela aberração que tinha assassinado o seu

amigo biólogo. Depois de deixar aquela criatura pendurada em uma árvore qualquer, resolveram seguir viagem. Dante, que além de cozinheiro era um ótimo desenhista, pediu emprestado o caderno de Alphonse para fazer um registro gráfico daquela entidade, para uma futura identificação da mesma em algum catálogo ou enciclopédia daquela época.

O sol começou a ficar cada vez mais forte e a água foi se escasseando. Bóris se curou dos ferimentos, mas aparentemente sofreu algum tipo de infecção, pois teve febre, andava em ziguezague e tinha alucinações, latindo e correndo em círculos por horas. Estavam com a boca seca e quase desmaiando quando avistaram três homens com curiosas vestes, parados no meio do caminho com lanças compridas e afiadas. James tinha escrito sobre eles. Eram os guardiões de Kaipang. Iriam avaliar se o grupo de exploradores era digno de adentrar a sua cidade.

Depois de uma série de perguntas para avaliar a índole dos mesmos, resolveram permitir que eles adentrassem a cidade, que ficava escondida atrás de uma extensa cortina de plantas, encobrindo um túnel de pedra que dava acesso àquela civilização.

Outros já tinham tentado passar por ali, mas a sua ganância foi logo percebida pelos habitantes e seu destino foi bastante trágico. O local era realmente muito bonito, com vastos jardins, chafarizes e fontes, tudo recoberto de ouro e flores. A equipe de Alphonse estava embasbacada com tamanha beleza. Marlon, Dante e Wallace não paravam de pensar nas riquezas que levariam dali, enquanto o líder da expedição estava mais preocupado em preencher as lacunas do misterioso diário que tinha caído em suas mãos. Foram levados à presença do chefe Yoyangachoi, que estava sentado em uma espécie de trono, segurando um cetro de ouro com uma pedra em sua ponta que brilhava em diferentes cores, dependendo da angulação da luz do sol.

Após uma breve conferência com os visitantes, ficou bastante claro que eles poderiam ficar ali o tempo que quisessem, desde que não adentrassem o templo Gigamachi, onde ficava guardado o Ovo de Jade da Fênix. O local não tinha nem guardas, pois todos os que tentavam roubar essa joia sofriam uma maldição horrível, que era específica de acordo com o caráter de cada um. Mortimer então perguntou:

— Estou procurando o paradeiro de um conhecido meu que passou por aqui, James Clifford. Você o conhece?

— Conheço sim, mas ele não cobiçou a jóia. Seu crime foi pior.

— O que ele fez?

— Ele bisbilhotou nas escrituras sagradas e cortejou a filha do chefe. Isso também é proibido.

— Você avisou a eles para não fazerem isso?

— Não, porque é questão de bom senso, não concorda?

— Não tenho como discordar, respondeu Alphonse. Qual foi a punição?

— Ele recebeu a praga da ameaça imaginária. Seu pior pesadelo o perseguiu até os seus últimos dias.

Provavelmente um Yeti horrendo, pensou Alphonse.

De repente Bóris, que a essa altura já estava visivelmente enlouquecido por causa da infecção de seus ferimentos, avançou e mordeu a perna de um dos sacerdotes que estavam enfileirados ao lado do líder daquele povo. Este, por sua vez pegou o seu cetro e bateu repetidas vezes na cabeça do animal, espalhando o seu cérebro por todo o recinto. Alphonse, obviamente transtornado com aquilo, fez menção de puxar a sua arma, mas uma sombra saiu da pedra na ponta do instrumento e sugou a sua alma, fazendo com que o seu corpo inerte tombasse no chão. Marlon e Dante saíram correndo e tentaram carregar qualquer peça de ouro que estivesse ao alcance de suas mãos, mas seus corpos começaram a se decompor até apodrecerem completamente, antes de chegarem aos limites da cidade. Por fim, o chefe pediu que as páginas do diário fossem deixadas em algum ponto específico na estrada junto ao corpo do explorador, pois o Deus Hywantou precisava de mais oferendas.





APRESENTAMOS O CONTO

O ESCOLHIDO

Por José Júnior

Sobre o autor: Natural de Arapiraca – AL, é arquiteto e professor. Desde a infância apaixonado pelo desenho, quadrinhos e livros. O interesse pela leitura de suspense e terror aumentou ainda mais com os livros de Stephen King. A influência para seus contos parte de escritores como Stephen King, George Orwell, Edgar Allan Poe, dentre outros. Este é seu primeiro conto publicado pela Revista Conexão Literatura.

Nós ficamos hospedados em um albergue bem perto da praia. Meus amigos e eu dividimos o quarto e, assim que entramos percebemos que havia um buraco grande no forro de gesso. O dono do albergue disse que não teria problema e que logo mandaria alguém consertar.

O dono nos recebeu muito bem. Disse que seu Albergue era muito bem qualificado para nos receber e que conseguiria nos oferecer o quarto por um preço promocional. Como éramos estudantes e estávamos em um congresso naquela cidade por uma semana decidimos aceitar.

Nós aceitamos mesmo sabendo que o albergue não era tão bem qualificado como o dono dele dizia. Na internet vimos muitas reclamações. Algumas delas bem esquisitas falando sobre camas quebradas, café da manhã estragado e barulhos por toda edificação à noite, o que atrapalhava o sono dos hóspedes. Mas como queríamos economizar e gastar esse dinheiro em festas e baladas, aceitamos. Eu não deveria ter aceitado.

Estávamos em cinco e eu dormia na cama de cima de um beliche. No primeiro dia um dos meninos disse ter visto uma mulher saindo do buraco do forro e andando pelo teto. Ninguém acreditou. No segundo dia outro dos meus amigos afirmou ter visto a mesma mulher saindo do buraco e andando pelo teto nos observando. Os dois, ao falarem sobre isso, choravam. Claro que eu e os outros dois que não vimos isso acontecer não acreditamos. Apesar disso e de meus amigos atuarem muito bem, continuamos nossa semana normalmente.

O dono do albergue nada tinha a dizer sobre isso. Sempre que perguntávamos quando o forro seria consertado ele dava uma desculpa e mudava de assunto. Na terceira noite outro amigo viu a mulher. Ele relatou a mesma coisa que os outros dois, que uma mulher saiu do buraco, andou pelo teto e ficou nos observando. Só isso. Deveríamos ter ido embora, mas não fomos. Deveríamos ter pedido outro quarto, mas o dono do albergue baixou ainda mais o preço e, nessa hora, até os meninos que viram a mulher aceitaram continuar, afinal, ela não fazia nada de mal.

Na quarta noite o único amigo que ainda não tinha visto a mulher, tirando a mim, viu. Todos relataram que viam a mulher, mas não conseguiam se mexer e logo voltavam a dormir. Este era o motivo de ainda continuarmos lá. Durante o dia fomos novamente para o congresso. Conseguimos apresentar nosso trabalho e ganhamos um prêmio de excelência

acadêmica, então teríamos que comemorar. Sendo que naquela noite, se as coisas estivessem acontecendo como eu previa, era a minha vez de ver a mulher e eu estava apreensivo com isso.

Eu acreditava até certo ponto em fantasmas e espíritos. Mas nada nunca tinha acontecido comigo da forma como aconteceu com meus amigos. Eu já tinha visto vultos ou ouvido barulhos estranhos e só. Coisas que poderiam ter uma explicação se eu procurasse. Nunca procurei.

Comemoramos bastante e chegamos ao albergue de madrugada. A porta ficava aberta (sim, a porta do albergue sempre ficava aberta na madrugada). Estávamos um pouco bêbados e logo dormimos. Até que eu acordei durante a noite com muito frio. Como minha cama era a de cima, assim que abri os olhos vi a mulher só com o dorso para fora do buraco e com seu rosto a um palmo de distância do meu. Pensando melhor, eu conseguia sentir a presença de outras pessoas dentro do quarto. Não as via, mas sabia que estavam ali. E não eram pessoas vivas.

A face da mulher era branca, olhos totalmente negros e curiosos me analisavam, a boca aberta de uma maneira anormal, como se estivesse prestes a soltar um grito, e cabelos esvoaçantes. Aos poucos ela saiu completamente do buraco e, como os meninos diziam, começou a andar pelo teto, mas sempre olhando para mim. Mesmo quando seu corpo girava para mudar de posição, a cabeça permanecia parada e seus olhos não desgrudavam de mim. A mulher usava um vestido branco bem desgastado, que sempre parecia estar flutuando, como se estivesse dentro d'água.

Não tive reação nenhuma. Só o medo e o terror. Tentei não me mexer enquanto tentava respirar. Na verdade, eu não conseguia me mexer nem se eu quisesse. Eu estava paralisado. O frio aumentava. Mas uma coisa diferente aconteceu comigo. De acordo com meus amigos, os quatro, a mulher ficava olhando para o grupo e depois voltava para o buraco no forro. No meu caso ela não voltou. Ela andou pelas paredes e foi para o chão, sempre andando com mãos e pés na superfície, como algum tipo de aranha. Observou cada um dos meus amigos novamente. Todos dormindo. Ela parecia saber que havia mais pessoas dentro do quarto, de baixo das camas. Depois ela subiu até ficar em cima de mim. Eu não sentia o peso dela, apenas um formigamento quando ela tocou no meu rosto e

começou a se dissipar em névoa entrando na minha boca paralisada e pelo meu nariz. Eu fui o escolhido. Dentre todos os meus amigos, ela escolheu a mim.

Não sei quanto tempo se passou, eu queria gritar, mas esse grito nunca saiu da minha garganta. Talvez igual ao grito que a mulher segurava em sua boca escancarada. Eu não conseguia mais respirar e nem me mexer. Aos poucos, quando ela sumiu para dentro mim por completo, ainda não conseguia me mexer e rapidamente voltei a dormir.

Fomos embora do albergue. Nunca contei isso para ninguém. Meus amigos me perguntaram se eu vi a mulher naquele tempo, naquela viagem, mas eu disse que não. E sempre que lembramos daquele congresso ficamos orgulhosos porque trouxemos para nossa casa um prêmio de excelência acadêmica. Mas eu trouxe mais do que isso.





APRESENTAMOS O POEMA

DELÍRIO

Por José Martino

Sobre o autor: Nasceu na cidade de São Paulo em 1968. Formado em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), escreveu mais de quinze livros entre romances, contos, poesia, biografia e historiografia. Já foi premiado em diversos concursos literários por todo o Brasil e integra o Coletivo Quatati. Atualmente, está para publicar seu novo romance, O Priorado de Salomão. Contato com o autor: timmarvim@gmail.com

Não me lembro se foi sonho,
Se delírio ou algo mais;
Mas só sei que é verdade,
Eu vos juro por meus pais.

Numa noite tão terrível
Como nunca vi jamais,
Eu voltava da cidade
Pelos campos hibernais.

Rasga o céu a tempestade,
Uivam feros vendavais!
Só os raios me guiavam
Entre os negros matagais...

De repente, meu cavalo,
Em pinotes colossais,
Me lançou com força à terra
Sobre imensos lamaçais.

Eis que surge uma caveira
Dentre as trevas sepulcrais
Com seus olhos cor de morte
Me lembrando funerais.

Uma voz tão tenebrosa
Ecoou dos capinzais,
Feito o grito de um demônio
Das cloacas infernais:

*“— Cavaleiro, aonde ides?
Por aqui vós não passais!
Estes são os meus domínios,*

Estes são os meus portais!

*Pra cruzar estes caminhos,
Uma prenda vós me dais;
É o preço que vos cobro
Pra passar os meus umbrais!”*

Tal visão me infundia
Tanto horror e medos tais,
Que mal pude responder
Em palavras textuais:

“— Eu vos dou o meu relógio,
Vem de velhos ancestrais;
Deixai, pois, o meu caminho,
Abri já vossos portais!”

E a caveira tenebrosa,
Em risadas guturais,
Respondeu com voz medonha
Das cavernas abissais:

“— *Sábria escolha vós fizestes,
Tempo não mais precisais!
Vossa vida já não vale
Pelo tempo que contais...”*

Em seus olhos coruscavam
Labaredas em punhais
E a caveira me dizia:

“— *Quero mais... eu quero mais!”*

“— Dou-vos todo meu dinheiro,

Leve até meus embornais,
Mas me ceda a passagem,
Abri já vossos portais!”

“— *Sábua escolha vós fizestes,
Dele não mais precisais!
Seu dinheiro nada vale,
Pois aqui nada comprais...*”

Em seus olhos cintilavam
Mil demônios bestiais
E a caveira insistia:
“— *Quero mais... eu quero mais!*”

“— Dou-vos todas minhas vestes,
Dou-vos tudo e algo mais,
Mas me ceda a passagem,
Abri já vossos portais!”

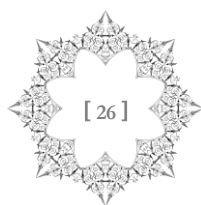
E seus olhos me fitavam
Como cem cobras corais.
E a caveira insistia:
“— *Quero mais... eu quero mais!*”

“— Filha pútrida das trevas,
Que a passagem me negais,
Nada mais tenho a vos dar
Pra cruzar vossos umbrais!”

E a caveira ainda ria
Com seus dentes desiguais,
Quando disse as palavras

Que soaram cruciais:

*“— Verme vil, pois eu vos digo:
Pra passar os meus portais,
Quero apenas simplesmente
Tua alma e nada mais!”*





APRESENTAMOS O CONTO
NIA-GWAHE-HI-GOWA

Por Ney Alencar

Sobre o autor: Natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Advogado, Professor, Pintor e Psicopedagogo. Tem contos publicados em 07 e-books (Histórias para Ler e Morrer de Medo I, II, IV e V, O Livro dos Mortos, Antologia de Ficção Científica e Van Helsing Caçadores de Monstros) e participou de 11 antologias de contos (Portais, Excalibur, Phantastikós, Terra do Nunca, Smash, Horror Além da Compreensão, Bestiário, Malditos Lobisomens, Era uma Vez, Cartas ao Mar e Bloody Mary).

“Silêncio! O Urso Pelado vai te ouvir,
Pular em cima de você e te devorar”

Lenda Iroquesa

1660.

As florestas do norte!
A morada das Crianças da Natureza, dos orgulhosos Iroqueses, que habitaram aquelas florestas bem antes dos franceses colocarem seus pés calçados nelas. O grupo de caça estava calado. Os seis remanescentes da aldeia Haudenosaunee olhavam para as línguas de fogo que lambiam tímidas a escuridão que os envolvia. Shawátis cutucou o fogo com um galho, lembrando-se da visão abominável que tiveram ao retornar para sua aldeia. A paliçada que a cercava estava quebrada, as casas compridas de noqueira tinham as paredes partidas e grandes buracos se abriam como bocas pretas por todas elas, as fogueiras estavam reviradas e apagadas. Sangue surgia em grandes marcas pelas paredes das casas e pelo chão. Um local de atrocidades! Não encontraram ninguém! Primeiro pensaram que poderia ter sido um ataque dos Ot-nea-yarheh, os terríveis gigantes canibais do norte, mas não encontraram as temidas pegadas daquele povo selvagem. Então pensaram que poderia ter sido o Ro-qua-ho, um lagarto variegado, um corredor veloz que matava com violentos golpes de sua cauda, que já matara vários caçadores que foram enviados para o norte em busca de alces, também não encontraram pegadas desta criatura. Notaram que havia marcas fundas ao redor dos buracos nas paredes das casas, e que essas marcas indicavam que havia sido um ataque de urso. Mas um diferente de tudo o que já haviam encontrado antes! Um urso comum não faria nada daquilo, nem mesmo que fosse o maior urso das florestas. Ahyouwaighs suspirou, os olhos cheio de lágrimas, sentia falta da noiva Ojista, ela havia ficado na aldeia quando saíra para caçar. Não fazia duas luas que a havia pedido e ela aceitara. Sumira com o resto do povo da aldeia, sua cama estava vazia, sua esteira seca, os vestidos rasgados, não restara nada

dela. Um ódio horrível o consumia! Como um animal pudera fazer uma coisa daquelas? Como um simples urso dera cabo de toda a aldeia?

Procuraram sobreviventes por horas, não encontraram ninguém. Nenhuma das oitenta almas que viviam ali sobrevivera. Não encontraram sequer os corpos.

Sheningee soltara seu canto de morte assim que entrara nos restos da aldeia. Seu pai e sua mãe estavam ali, agora sumiram, quem saberia deles? Como puderam desaparecer assim? Quem os levara?

Hiokatoo e Akwirente tentaram rastrear a criatura, porque não acreditavam que fosse realmente um urso que tivesse feito aquilo, mas não encontraram pegadas, haviam apenas as marcas sangrentas das garras ao redor dos buracos nas casas. Seja o que fosse possuía uma orenda potente e má!

Donehogawa ficou em silêncio o tempo todo. Não tinha palavras! Sua dor era imensa, perdera a esposa e três filhos.

O pequeno Kenabeek, o cão de caça que levaram consigo havia sido o único que escapara da sanha faminta da criatura, os outros cães da aldeia também havia desaparecido.

Farejava as casas e sondava o chão perto das poças de sangue, podia sentir o odor almiscarado e forte do urso misturado com o odor pútrido da carne em decomposição e o ferruginoso do sangue.

As marcas mostravam que a criatura havia seguido para o norte, em direção às terras dos Lagos dos Dedos e mais precisamente em direção às margens do lago Seneca.

Os caçadores seguiram naquela direção.

O crepúsculo chegava rápido naquele outono fantasmagórico.

Nas terras por onde passaram não encontraram coelhos, nem veados nem mesmo pássaros.

Tudo estava silencioso e triste. A mata estava acabrunhada!

Um medo escravizante seguia à sua frente! Tudo se calava e fugia diante dele.

Eles, que o seguiam de perto, podiam sentir sua opressão tirânica.

O cão farejava em silêncio, quase como se pisasse em folhas secas. Às vezes gania baixinho.

Em vários troncos de pinheiro encontraram marcas de suas seis garras, lanhando o tronco, fazendo sangrar sua seiva lenhosa. Espalhando um odor fétido no ar.

Afinal caiu a noite e precisaram parar, não conseguiram seguir os rastros no escuro, era lua nova e as estrelas estavam todas encobertas por pesadas nuvens de chuva.

Fizeram uma fogueira escondida em um buraco e comeram a comida de seus pemmican: tiras de carne seca de caça com frutas secas. Para beber usaram a água cristalina de um riacho próximo.

Não conversavam! A melancolia e a angústia apertavam seus corações e a amargura e a aflição oprimiam suas gargantas. Mesmo o pequeno cão, sentindo a opressão que avassalava seus donos, deitava-se quieto perto dos pés de Shawátis.

Este parou de cutucar o fogo e deitou-se com o rosto voltado para as trevas. Os outros o seguiram.

Dormiram um sono sem sonhos, enredados em pesadelos.

Foram acordados de madrugada por barulhos de arranhar e rosnados baixos e roucos.

Shawátis pediu silêncio e olhou em volta.

As brasas da fogueira não iluminavam nada, ao redor deles as sombras fugazes dos troncos criavam a ilusão de vultos fantasmiais, era quase como se pudessem senti-los, os fantasmas de todos os que haviam morrido na aldeia. Vindo até eles do além!

Ahyouwaighs viu a sombra triste de Ojista olhando para ele mesclada ao tronco de uma noqueira velha, seus olhos refletiam sua dor e um terror incontido. Ele podia ver o amor também.

Ele deu um passo na direção do vulto, mas este sumiu.

Foi então que viram, do sopé da colina onde estavam, uma silhueta recortada contra o céu negro.

Uma sombra densa, mais escura que a própria noite que os cercava, maior que qualquer criatura que já tivessem visto ou caçado.

A silhueta do urso-monstro recortado no topo da colina nua!

De onde estavam podiam ouvir sua respiração forte e entrecortada, fungando e resfolegando, farejando o ar frio.

Era o maior e mais feroz de todos os ursos, muito maior do que qualquer outro, mesmo os ursos brancos que por vezes viam no verão. O corpo comprido e nu, pelado, exceto por um tufo de pelos brancos nas costas. Donehogawa sussurrou assustado com o reconhecimento:

— O Urso Pelado!

Era o Nia-Gwahe-hi-gowa! O horror estava estampado em suas palavras trêmulas.

Os outros contiveram a respiração com um medo irracional!

A sombra do urso sumiu pela noite adentro, mesclando-se com a escuridão como se fossem a mesma coisa.

Voltaram para perto da fogueira, mas não conseguiram dormir. A manhã chuvosa os encontrou já acordados.

Retomaram a trilha do urso, a solidão os perseguia em cada passo, as terras estavam vazias de vida.

A chuva continua tornava tudo mais difícil, as marcas pareciam sumir e o cão não conseguia farejar.

No início da tarde, quando o tempo escuro fazia as sombras mais tenebrosas ouviram um terrível barulho na trilha atrás deles.

Barulhos de galhos se quebrando e um ronco alto.

Ahyouwaighs sentiu um arrepio de horror passar por seu corpo. Queria correr, fugir, mas não podia.

Pararam e ficaram em silêncio, só escutando.

Os barulhos pareciam vir em sua direção, então mudavam e se afastavam, uma coisa que ia e vinha.

Donehogawa decidiu ir ver o que era, os outros iam segui-lo, mas pediu para esperarem ali.

Não queria assustar ou prevenir fosse o que fosse que estava atrás deles.

Os outros viram quando se afastou, sua silhueta perdeu-se entre as das árvores escuras, uma sensação ruim pairou pelo ar. O silêncio desceu como uma mortalha sobre eles.

Súbito ouviram uma correria e um barulhão horrível se distanciando pela mata.

Um urro alto os fez pular de susto, foi logo seguido de um grito e souberam que aquilo havia pego Donehogawa.

Afastaram-se dali o mais rápido que puderam tentando não fazer barulho. Não sabiam o que era aquilo, mas sabiam que agora estava atrás deles.

Embrenharam-se na mata fechada para fugir daquele horror. Somente pararam quando a noite estava gorda e não havia como prosseguir.

A segunda noite foi terrível, não acenderam fogueira, não queriam ser descobertos pela criatura, deitaram-se próximos, mesmo assim não conseguiram dormir, qualquer barulho os assustava e acordava.

Foi nessa noite que o cão que traziam sumiu e não foi mais visto, não descobriram o que houve com ele.

Tão logo o dia começou a amanhecer partiram. Queriam agora escapar do monstro que os perseguia, já não pensavam em vingança, mas tinham esperança de escapar e retornar para as terras dos Haudenosaunee, e quem sabe voltar com um grupo maior e dar cabo da fera.

O dia manteve-se chuvoso e sem sol, as matas estavam cada vez mais cheias de sombras, enfim perto do meio dia chegaram à uma ravina profunda, ali não havia saída, teriam que voltar.

Foi nessa hora que o bicho veio! Horrendo como o horror e fatal como a Morte!

Não o viram chegando por causa das sombras das árvores que pareciam mover-se com um vento forte, era ele correndo em sua direção, o vulto escuro abateu-se sobre Sheningee, que nem sequer esboçou um som ou movimento, caiu trespassado pelas garras, os olhos ainda abertos de terror.

Hiokattoo e Akwirente levantaram suas lanças e Ahyouwaighs puxou uma flecha para o arco.

Shawátis sacou do tacape e investiu contra o urso que o derrubou com uma patada, abrindo-lhe o peito e o pescoço. Estava morto o bravo caçador de alces e lobos, o herói das Guerras dos Castores!

Voltou-se para os outros e mergulhou entre Hiokattoo e Akwirente, derrubando-os com as patas e jogando o focinho gigantesco entreaberto no ventre de ambos.

Ahyouwaighs desesperou-se, voltou-se e fugiu! Correu como nunca fizera antes, desabaladamente, sem direção para dentro da mata.

De início não pareceu ouvir nada, então chegou-lhe o barulho blasfemo do urso que o perseguia.

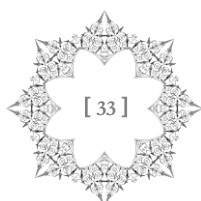
Correu até sentir que o coração ia explodir em seu peito e continuou correndo depois disso, sabia que se parasse morreria.

Subitamente à sua frente a mata terminou e surgiu apenas o espaço vazio de um precipício. Não conseguiu parar.

Naquele ínfimo momento antes de cair Ahyouwaighs olhou para trás e o que viu o surpreendeu: era o vulto pequeno e franzino de sua amada Ojista, o vulto fantasmal de seu espírito que surgia para protegê-lo do terrível urso!

Enquanto caía alegrou-se!

Enfim estaria junto à ela!





APRESENTAMOS O CONTO
O ESPECTRO DO CASTELO DE MORANDE

Por Ney Alencar

Sobre o autor: Natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Advogado, Professor, Pintor e Psicopedagogo. Tem contos publicados em 07 e-books (Histórias para Ler e Morrer de Medo I, II, IV e V, O Livro dos Mortos, Antologia de Ficção Científica e Van Helsing Caçadores de Monstros) e participou de 11 antologias de contos (Portais, Excalibur, Phantastikós, Terra do Nunca, Smash, Horror Além da Compreensão, Bestiário, Malditos Lobisomens, Era uma Vez, Cartas ao Mar e Bloody Mary).

“A Morte é o Segredo da Vida!

Porque o Tempo é seu Algoz!”

A ilha verde erguia-se solitária entre os braços de água límpida e fria do Rio da Lua! Suas águas desciam borbulhantes das nevoentas e ciclópicas montanhas coroadas de neve que ficavam na borda do mundo mortal. Naquele lugar distante das memórias das própria palavras!

No topo de sua única colina se erguia sólida a alva torre das névoas, noutro tempo chamada de Castelo de Morande!

Longe dos dias que lá se vão, em um passado longamente esquecido, a torre repousava na terra verde entre os rios que desciam pelos sopés das titânicas montanhas, sólida em sua força de pedra telúrica, rica de rimas e de sorte. Bastião e escudo do reino de Nunca-Mais contra os seus perniciosos inimigos das Terras de Nenhuma Luz.

Solitária e nua abandonada aos séculos, despojada de qualquer vida, por ela perpassava apenas uma vaga voz, descarnada e gélida, voz de espírito sem corpo que como um vento escurecido de inverno tangia cortinas rasgadas e apodrecidas e bruxuleava em sua luz fátua pelas janelas escancaradas em noites pretas sem luar.

Incessante, inquieta percorria a alma os corredores vazios de vida, seu vulto opaco embaçava o lume dos ossos dos cavaleiros que ali vieram a morte encontrar, e o hálito maldito do espírito assombrado lhes sussurrava com sua voz rouca de vento sua maldição, tão potente que lhes descarnava os ossos e os expunha brancos e nus ao olhar terrível daquela forma sobrenatural e sem nome.

Percorria em descaminho o espírito a desolada torre, outrora seu amado lar, e sua face pálida e translúcida denotava apreensão e dor com a sorte de seu fado desonrado!

No crepúsculo outonal um vulto alvo de tez rosada e madeixas brancas caindo aos ombros observava através de olhos negros e vivos o afundar da estrela sol nas águas silentes do rio que abraçava a pequena ilha verde.

O visitante despiu sua cota de malha e atravessou a correnteza fria carregando apenas sua espada nua e sua esperança!

À sua frente a face de pedra dura do castelo se erguia proibitiva, ele subiu as margens enlameadas e atravessou o capinzal murmurante, o vento fazia dançar os lírios das margens e os caniços cantavam sua música lenhosa.

Sua sombra desapareceu com os últimos raios do sol, a escuridão caiu cobrindo as terras e seu hálito era frio.

Sob o olhar da pedra morta o visitante entrou pela porta escancarada durante a negra noite após uma tarde amedrontadora e um crepúsculo temerário.

O interior do alcácer era como caixão aberto, o vento rodopiava em redemoinhos de folhas mortas, trazidas das árvores que o cercavam em um contínuo farfalhar quimérico.

A decadência reinava suprema, as pedras partidas e cheias de limo tornavam-se vultos fantasmais na escuridão que as preenchia e o visitante caminhou com passos decididos pelo chão de mármore partido.

Outra porta se abriu à sua frente, como boca negra aberta, abismo de perdição, salão outrora cheio de luzes e vida, hoje apenas escuridão e esquecimento.

Afinal lá do fundo da pedra fria reverberou o eco do fantasma!

A voz descarnada e gélida o chamou e a face translúcida surgiu travessando o esqueleto das paredes, seu vulto embaçado toldou a própria escuridão e em suas mãos trazia uma espada brilhante.

O visitante olhou naqueles olhos mortos e ali, no interior da torre fria afinal compreendeu a verdadeira natureza daquela aparição, a verdadeira face daquela sombra, aquela criatura sem nome, sem vida e sem amor que teimava em permanecer presa às pedras do castelo.

Olhou dentro daqueles olhos negros e reconheceu a alma dividida, o encanto blasfemo que pairava como corvo agourento sobre os ombros nus daquele espectro amaldiçoado, que assombrava e assassinava com seu terror telúrico todos aqueles que ali ousam entrar.

A espada fantástica do fantasma se abateu sobre o visitante que desviou sua lâmina encantada com a própria espada, ambas a mesma, metal contra metal, vida e morte dançando no gume das espadas!

A dança do ferro continuou, gritando seu retinir pela noite adentro, somando as horas mortas, como marés os dois vultos se compraziam em repelir-se, o fantasma e sua sombra viva! Reflexos no mesmo espelho quebrado!

Vendo o tempo se escoar o visitante percebeu que existia apenas uma maneira de sobrepujar seu rival sobrenatural: o nome do fantasma ele devia dizer para assim o encanto quebrar!

Mas como saber uma palavra esquecida, impronunciada por tantos séculos?

Como descobrir tal som olvidado, fantasmagórico, apagado pelo tempo?

Súbito o clangor dos metais, crocitando como corvos ferruginosos naquele vetusto salão, fez cair a cortina de encantamento que jazia como gentil sonolência sobre a mente do visitante.

O enigma mortal dissolveu-se à sua frente!

Chamou o espectro pelo seu próprio nome!

Trist! Trist! Trist!

Três vezes o chamou!

A espada antes brilhante cobriu-se de ferrugem e caiu com súbito estrépito ao chão pétreo, gemendo seu sardento canto oxidado!

O sortilégio se desfez como um sussurro desgastado pelo tempo!

A aparição tornou-se mais nítida e sua sombra era agora um reflexo pálido do próprio visitante, como um espelho fantasmal que desapareceu no alvor da madrugada que nascia como um mero sussurro na memória!

Na aurora primaveril que despontava sobre as pedras libertas daquele fascínio telúrico o vulto de tez rosada e madeixas brancas observou o emergir da estrela sol no horizonte das terras escurecidas do topo das frias muralhas do Castelo de Morande.

A brisa morna lhe tocou a face e sua alma liberta se rejubilou na glória da aurora!



The background features a woman with long dark hair and striking, glowing blue eyes, looking directly at the viewer. She is framed by an ornate, dark, gothic-style oval frame. Several dark, winged creatures, resembling ravens or crows, are flying around her, some perched on the frame. The overall color palette is dark, with deep blues and blacks, accented by the woman's eyes and the white text.

APRESENTAMOS O CONTO

SONO MALDITO

Por Roberto Minadeo

Sobre o autor: Estudou Administração (USP), área em que fez Mestrado (UFRJ). Obteve seu PhD em Ciências da Eng^a da Produção (UFRJ). A partir de 1996, publicou obras técnicas em Marketing e Estratégia. Lançou a antologia "Sonhos Fulgurantes" (Amazon, 2020).

Jorge entrou no avião que o levaria de volta a casa. Tivera uma semana a trabalho em São Paulo e precisava restaurar suas combatidas forças – afinal, já era sexagenário e tivera dias extenuantes. Professor e pesquisador na área de Biologia, havia participado de um Congresso, no qual apresentara dois estudos, assistira a diversos outros de seu interesse e revira colegas de longa data.

Costumava dormir divinamente durante a maior parte de qualquer voo. Para isso, escolhia a poltrona ao lado da janela. As outras posições podem ser atrapalhadas pelos vizinhos, quando se levantam por qualquer necessidade. Além disso, a poltrona do corredor sofre com o carrinho das bebidas ou com os encontros indesejáveis causados pelo vai-e-vem dos passageiros rumo à toailete.

Apesar de que na maioria das vezes os percursos são curtos, esses preciosos minutos de sono representam muito, pois a chegada ao destino de um viajante é sempre acompanhada de diversas tarefas, que impedem ou atrasam a possibilidade do sono habitual. Desta vez, dado que o cansaço era bem grande, conseguiu perder a consciência ainda antes de o avião fechar as portas e começar a correr pela pista rumo aos céus.

Todavia, em poucos minutos, para seu espanto, foi despertado, ainda em terra. A sensação não poderia ter sido pior, todo o seu enorme cansaço clamava pelo repouso que, uma vez obtido, foi arrebatado de uma forma nada amigável. O cidadão que ocupava a cadeira vizinha, um jovem rapaz, havia se ausentado durante alguns minutos para ir à toailete, ao retornar, pediu para o pobre Jorge se levantar, ciente de que havia se sentado sobre um pequeno livro, deixado inadvertidamente.

Tendo sido brutalmente acordado, o dever para com o vizinho se fazia imperativo, pois, se queria voltar a dormir, precisava eliminar a menor possibilidade de um mal-entendido com alguém que continuaria ao seu lado até o destino. Desta forma, nosso Jorge se levantou, auxiliou em uma completa operação de busca, aliás, infrutífera: não havia nenhum sinal de livro no banco nem na bolsa à frente do assento.

O vizinho reclamou, dizendo ser impossível ter perdido o livro, importante, dado que faria o papel de sua companhia durante todo o trajeto. Jorge conteve o impulso de dizer que poderia dormir, algo quase sempre muito mais produtivo. Além disso, enquanto o objeto perdido havia sido comprado a peso de ouro na livraria do aeroporto – conforme informação do próprio vizinho – o sono é uma bênção divina, completamente gratuita.

Nosso bom Jorge se acomodou e estava prestes a dormir novamente, quando o vizinho, surpreendentemente, chamou a aeromoça, relatou o ocorrido e culpou o

dorminhoco pelo sumiço. O pacífico biólogo, não se alterou, disse que iria dormir, como sempre fazia e já o fizera. Acrescentou que a acusação era infundada, pois o livro em questão não detinha o menor valor para ele, que, vindo de um Congresso, estava cheio de materiais mais adequados para a sua leitura, caso quisesse estudar durante o voo.

A aeromoça, inteirada rapidamente do estilo de cada um, entendeu o argumento do Jorge; o grupo de viajantes próximos que haviam sido obrigados a ouvir a absurda acusação também tomaram o partido do professor. Todavia, o vizinho não perdia a ocasião de mostrar que perdera algo de grande valor, então teve o descaramento de pedir para que a mala do coitado do suspeito fosse aberta.

Nosso sexagenário encontrou a fórmula mais perfeita possível para tentar dirimir o que parecia o surgimento de uma interminável pendenga. Com a calma digna de um calejado professor, disse que não via problemas em expor os seus pobres pertences, desde que a mala do acusador também fosse aberta. Afinal, não julgava justo ele ser humilhado a ponto de passar por uma inspeção pública, enquanto o vizinho poderia estar de posse do livro, pensando tê-lo deixado em alguma das poltronas.

Para o rapaz, ouvir e explodir foram duas faces da mesma moeda. Disse estar recebendo acusações levianas. Afinal, ele jamais teria a coragem de dizer que o livro estaria na poltrona ao lado, se ele estivesse em sua própria mala.

Jorge disse que a acusação leviana era justamente contra ele, que roubar livros não era uma especialidade de alguém do mundo acadêmico, que detinha verbas para comprar livros, e que até já escrevera e publicara algumas coisas mundo afora.

A aeromoça arguiu dizendo que uma das partes concordou em ter seus pertences abertos, algo totalmente acima do razoável “e que ela jamais presenciara em anos de experiência”. Dessa forma, nada custaria a ele também mostrar o conteúdo de sua mala.

O impasse prosseguiu. O vizinho, cada vez mais alterado, se recusava a qualquer gesto de boa vontade, disse que em sua mala somente havia roupas e que o livro fora comprado no aeroporto sem jamais ter sido guardado entre seus pertences.

Nosso professor de Biologia disse que em um impasse entre dois passageiros, uma autoridade imparcial e superior precisa ser invocada e respeitada. O vizinho fingiu não entender nada, e continuou a exigir o que julgava que traria a solução do problema.

A aeromoça interveio novamente, dizendo que a situação já fora longe demais. Afinal, uma coisa é sentar-se sobre um livro sem perceber, outra coisa bem diferente é que, após um exame da poltrona e da bolsa à frente do assento, a acusação ainda

persistisse. Aliás, o professor estava na poltrona da janela, que possui menor facilidade de movimentos pelo fato de se encontrar sob o lugar destinado às malas. Desta forma, um eventual gesto de guardar o objeto furtado entre os pertences não poderia ter passado despercebido a alguns dos passageiros. De fato, o ocupante da poltrona do corredor na mesma fileira disse que o professor entrou, colocou a mala acima e começou a dormir; sendo notado por ser muito raro alguém dormir tão rapidamente, afirmou ter a mais absoluta certeza de que nada fora encontrado na poltrona do meio nem guardado acima.

O vizinho se disse no direito de exigir o exame das malas de ambos, “até que o livro fosse encontrado”. Jorge brincou, dizendo que mantinha a condição para abrir a sua mala, tendo, porém, certeza de que nenhum livro estaria lá dentro. O ocupante da poltrona do corredor se apresentou como advogado e disse, com um imenso bom humor que pagava seus impostos em dia, nunca fumara, não bebia, e tinha o mais legítimo direito à privacidade e que apenas um mandado judicial o obrigaria a exhibir seus pertences.

A aeromoça chamou a comissária responsável pelo voo, que captou a teimosia reinante no passageiro que dizia ter perdido um livro, e disse que o voo estava prestes a ser iniciado, e que todos que precisavam sentar-se e afivelar os cintos.

Assim que o voo chegou à velocidade e altura de cruzeiro, Jorge já estava de ânimo tão leve que voltara a dormir. Todavia, o vizinho voltou a chamar pela comissária, para “resolver a situação”. Esta disse ter presenciado inúmeras situações semelhantes. Pediu calma, para que se pudesse raciocinar de modo a que o livro pudesse ser encontrado.

O tom de voz utilizado pelo passageiro desesperado fez Jorge acordar novamente. Já com menos paciência, disse que seria impensável a ele, professor, chegar à poltrona que “ocuparia-para-relaxar-durante-todo-o-voo” e sentar-se sobre um livro, posição desconfortável para conseguir a começar a dormir em poucos minutos, como todos poderiam atestar que ocorrera – aliás, por duas vezes. Além disso, fora despertado e submetido a uma inútil inspeção que comprovara nada existir em sua poltrona. Finalmente, furtar um livro desconhecido e escondê-lo em seus pertences era uma acusação leviana, que já fora repetida mais de uma vez. Ele repetiu que abriria sua mala, ciente de não existir nenhum livro ali, desde que o vizinho acusador fizesse o mesmo.

O viajante-cujo-livro-fora-roubado disse que tal argumento não se sustentava. Qual a lógica de alguém furtar um livro para que fosse lido ao lado do seu próprio dono? Ora, o roubo fora feito com o intuito de ser escondido e lido posteriormente.

A comissária pediu que a acusação de roubo fosse retirada, até mesmo pela possibilidade de abrir precedentes a acusações judiciais de ofensa à honra. O obtuso viajante-que-se-via-lesado não se comoveu diante desse argumento, que levava os passageiros próximos a balançar a cabeça em sinal de assentimento.

A experiência de Jorge durante décadas no ensino o fez perguntar, visando tirar o calor da argumentação do vizinho:

— Afinal de contas, qual é o “tão-valioso-livro” que desapareceu?

A resposta do vizinho não tardou:

— É o maior *best-seller* do momento, um autor estrangeiro de autoajuda.

— E qual é o assunto tratado nessa obra-prima candidata ao Nobel? indagou o Jorge, sem esconder uma ponta de ironia que não foi captada pelo obtuso vizinho.

— O livro fala da paz... de como viver em paz... de como transmitir paz...

Gargalhadas estrondosas se ouviram dentre os vizinhos. Não faltaram murmúrios apontando o dono do maldito livro como alguém definitivamente necessitado de paz, porém incapaz de transmitir qualquer coisa digna disso ao longo das próximas décadas. A comissária virou o rosto para que a sua expressão – levemente sarcástica – não fosse vista pelo indesejável-chato-desejoso-de-paz.

Nosso professor disse que não tinha nada contra livro algum, nada contra gênero algum de livros. Aliás, como já dissera, tinha “alguma coisa” escrita para o ensino de Biologia. No entanto, furtar livros de autoajuda era uma acusação infundada para um professor que acabara de participar de um Congresso e que apenas queria dormir durante o voo de retorno. O rapaz fulminou:

— E qual é o problema dos livros de autoajuda?

— Tanto não há problema algum que eu acabei de falar que “estou no ramo dos que escrevem”, e que, portanto, não posso ver nada de errado em livro algum. Eu, como professor, somente vejo algo errado naqueles que não costumam ler nada, e que não conseguem sequer raciocinar direito.

O advogado e vários vizinhos gostaram da argumentação, mas o rapaz não perdeu tempo e imediatamente voltou a exigir da comissária que todos os vizinhos fossem examinados para ele “ter o seu livro de volta”.

Jorge pediu à comissária para trocar de lugar, pois trabalhara muito e tinha o direito a uma viagem tranquila, com a possibilidade de dormir – como sempre fazia em qualquer voo. Brincou, dizendo que sua definição de avião era justamente a de uma “poltrona

voadora”. Acrescentou que o fato de ter conseguido adormecer ainda antes de o avião ter começado a correr pela pista mostrava que ele não mostrava o menor interesse em ler durante o voo.

A comissária fez um sinal à aeromoça e o professor foi levado a algumas fileiras adiante, após ter aberto o compartimento das malas e apanhado a que lhe pertencia. O rapaz ficou furioso, argumentando que “a prova do crime” estava saindo do controle de todos. O advogado disse que já começara a gravar tudo, desde a chegada da comissária, de tal sorte que, se as acusações infundadas não fossem retiradas, o peso da lei seria aplicado como nunca o fora antes.

O professor retomou seu sono interrompido, na nova poltrona indicada.

Alguns minutos depois desta última alteração, uma pessoa saiu da toailete dizendo ter encontrado um livro lá. Todos os passageiros indigitaram unanimemente o rapaz, que fora descuidado e deixara o *best-seller* sobre a paz no início do voo, e que não tivera a menor dúvida em culpar ao professor e aos demais vizinhos por um crime inexistente.

O advogado não perdeu tempo, começou a exhibir a gravação feita no celular, segundo a qual o rapaz exigia atitude firme da comissária para examinar os pertences de todos. Desligado o aparelho, o profissional disse que iria entrar com uma ação e solicitou da comissária o nome do passageiro causador do tumulto. Os outros passageiros acusados foram convocados pelo advogado a ingressarem na ação. O advogado se comprometeu a buscar os dados do seráfico professor ao final do trajeto.

O restante do voo foi uma reunião de trabalho entre todos os que cercavam o causador das levianas acusações. O advogado reuniu os dados pessoais de todos e começou a reunir alguns depoimentos. Embora o rapaz não estivesse levando a sério a viabilidade de um processo pelo que continuava a julgar um direito seu, a leitura do livro sobre a paz se tornou uma total impossibilidade, cercado que estava de pessoas conversando e trocando argumentos contra ele, da maneira mais aberta e contundente.

Talvez o rapaz estivesse com razão em outras circunstâncias, todavia a sorte não estava de seu lado: um dos passageiros levianamente acusados era um juiz, e não um qualquer, mas um Desembargador, extremamente prestigiado em todo o Estado, por sua atuação sempre reta.

A ação judicial foi rápida na primeira instância. O rapaz não reunia condições de custear bons advogados, e o que encontrou, mais do que defendê-lo, quis apenas arrancar alguns trocados e fingir que o defendia, ao ver dentre os ofendidos o nome do juiz.

Na segunda instância, sem a menor necessidade de o Desembargador falar com quem estava a cargo da causa, o pleito foi também decidido de forma rápida e dolorosa. O pobre rapaz, que já estava sem emprego, foi começando a perder a motocicleta, o carro, o apartamento, os móveis e até as roupas. A noiva também se foi, ao ver a contínua teimosia do rapaz. A desgraça aos poucos é pior do que a perda total e imediata, de sorte que a cada quinzena alguma nova perda ocorria, selando aos poucos a perda da esperança e de qualquer horizonte positivo no futuro.

Com o nome nas capas dos jornais, o pobre rapaz, que buscara apenas ler um livro de autoajuda sobre a paz, jamais voltou a encontrar um emprego, e, após perder até o último centavo, teve uma perda mais grave e não quantificável: a da sanidade mental. Ficou abalado até o mais profundo íntimo de seu ser. Apesar de nada mudar externamente, todavia, nunca mais conseguiu ler nada. A lacuna foi iniciada em relação a qualquer livro, de sorte que sua biblioteca foi vendida a um sebo. Depois, veio a impossibilidade de ler jornais, telas de computadores ou até mesmo poder encarar letras soltas – das quais as grandes cidades estão cheias.

Após não mais ler, veio rapidamente a obstrução do acesso ao escrever.

Sem bens, sem ler nem escrever, em pouco tempo, a fala também se foi. Assim, nosso rapaz-criador-de-casos-por-causa-de-livros-não-perdidos se tornou um morador das ruas. No entanto, mesmo nesta categoria não estava à vontade. Em outras palavras, sua condição era tal que o colocava na última posição nas ruas, vivendo não das esmolas, mas das sobras que lhe eram dadas pelos outros pedintes, condoídos de sua miséria completa, fruto da total ausência de quaisquer capacidades ou habilidades.

À inação mental seguiu-se a física e uma total inapetência pelo que o cercava. Tornou-se uma lenda, até mesmo pela breve existência que veio a ter nas ruas.

Pobre acusador. Nunca se soube a causa de começar a acusar gratuitamente alguém tão feliz-da-vida quanto nosso professor Jorge. O episódio todo apenas trouxe uns modestos recursos aos que foram ofendidos durante o voo. Entretanto, o maior beneficiado foi o *best-seller*. apontado em todas as matérias como o pivô do “escândalo do avião” – nome dado pela imprensa a toda a pendenga – nada menos que sete milhões de cópias foram vendidas no Brasil, algo jamais visto para uma recém-lançada obra de autoajuda sobre a tão necessária temática da paz.





APRESENTAMOS O CONTO
ENTRE CORVOS E MORCEGOS

Por Roberto Schima

Sobre o autor: Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record). Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "O Olhar de Hirosaki", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. O conto "Ao Teu Dispor" foi premiado na antologia "Crocitar de Lenore" (Ed. Morse). Informações: Google. Contato: rschima@bol.com.br.

ATO I

Salto.

São Paulo.

Ruas desertas.

Noite enluarada.

O silêncio reinava.

Cemitério Municipal.

A madrugada corria solta nos arredores do Cemitério da Saudade. Situava-se no alto de uma colina e diante de uma pequena praça em formato triangular. Durante o dia houvera uma pequena agitação em virtude do funeral de uma senhora proeminente da cidade. Empresária de sucesso, membro de uma das famílias mais antigas e tradicionais, cujo sobrenome era bastante valorizado, falecera de causas naturais. Fora uma mulher gentil e refinada, cuja vaidade residia em adornar-se de anéis, pulseiras, brincos e colares importados, menos por ostentação e mais por adorar o brilho cintilante das pedras e metais, bem como o trabalho dos ourives e lapidadores. O velório fora reservado à família, todavia, segundo boatos dos empregados, enterraram a mulher não somente com seu melhor vestido, mas usando suas joias prediletas.

Um veículo preto estacionou na lateral mais tranquila do cemitério, onde baratas solitárias andavam sorrateiras na calçada e em meio aos arbustos ornamentais. Do outro lado da rua, não havia sinal de vida nas pequenas casas térreas.

Os quatro vultos desceram e, com a habilidade de gatunos que eram, saltaram facilmente o muro alto e caiado, pulando para dentro das sombras do cemitério munidos de suas ferramentas de trabalho. Eram os mais vis dos ladrões, desconsiderados até pelo mais ínfimo batedor de carteira. Mas não se importavam. Considerações morais ou éticas nunca fizeram parte do repertório deles, nem mesmo a honra entre ladrões. Tudo o que lhes interessava era a promessa de dinheiro fácil. E as joias da velha rica prometiam muito mais do que a maioria das sepulturas que já tinham violado.

— Mexam-se! — sussurrou o líder.

As luzes dos postes de iluminação das vias públicas mal conseguiam clarear o interior do cemitério. Por segurança, porém, evitaram acender suas lanternas. Mas não tiveram dificuldade em localizar o túmulo, pois haviam comparecido ao enterro, em meio aos populares que lá se encontravam na ocasião.

— Aqui!

A terra era fresca e ainda estava fofa, o que facilitou o trabalho dos bandidos. Não perderam tempo e puseram-se a cavar.

De súbito...

— Escutou isso? — disse um deles.

— O quê?

— Alguma coisa.

— São as baratas. Tá cheio aqui. Comida fácil.

— Pare com isso, eu...

— Shhh!

Então, o ar parado da noite foi substituído por uma brisa repentina. Logo, essa se transformou numa rajada de vento. Formou-se um redemoinho em torno dos homens. Era frio feito o toque da morte e tomado por um odor pútrido que os fizeram sufocar.

— Meu Deus, o que é isso?

Contudo, Deus não os escutava, assim como havia muito tempo, eles tinham voltado suas costas para o Criador. O medo surgiu num crescente e a aflição se apossou de seus corações ao se darem conta do som de inúmeras asas a farfalhar na escuridão, asas negras e furiosas. Inúmeros olhos brilhantes fitaram-nos do interior do vendaval: um sinistro tornado de trevas e mau agouro.

Corvos.

Centenas deles.

E crocitavam de raiva.

O som fez-se ensurdecedor.

Até que as aves se afastaram e, no calçamento adiante, tornaram-se diáfanos e se uniram, condensando-se numa silhueta de contornos humanos.

— Me-meu Deus — insistiu um dos ladrões, apontando —, o que é aquilo?

A coisa falou em uma linguagem que dispensava tradutor:

— Malditos são entre os malditos aqueles que descanso não dão aos mortos. Nada respeitam, respeito de nada terão. Suas almas pútridas tampouco descansarão, destinadas a vagarem no atoleiro dos pântanos infernais, por entre a irrespirável bruma sulfurosa onde a brisa através de árvores descarnadas soa feito pranto e gemidos. A vocês está reservado uma eternidade de sofrimento. E ela inicia-se aqui e agora.

Dito isso, a tétrica figura tornou a se desfazer em vento, névoa e centenas de corvos.

O fedor de decomposição pareceu brotar do solo, das lápides e das árvores.

A cacofonia das aves ressurgiu e tornou-se ensurdecadora.

Os homens quiseram correr, mas não conseguiram.

Finalmente, o bando negro esvoaçou na direção dos bandidos petrificados. A cada passagem, seus bicos afiados arrancavam bocados de pele e carne. Olhos foram vazados; roupas, rasgadas; cabelos, arrancados; unhas, retiradas a seco das pontas dos dedos. Os gritos dos quatro homens evocaram a lamúria de mil assombrações. Casas tremeram em suas fundações. Portas e janelas permaneceram cerradas. Algum tempo depois, os agonizantes silenciaram, o redemoinho cessou, a paz tornou a cair sobre o cemitério na fria madrugada. O sereno pousou sobre os túmulos. Os saqueadores foram descarnados em vida. Tudo o que deles restou foram farrapos, ossos e sobras de carne ensanguentada para deleite dos ratos e das baratas.

A figura sinistra aproximou-se do túmulo da reverenciada senhora, baixou a cabeça num cumprimento mudo e, em seguida, desfez-se na escuridão.

ATO II

Edgar Clemm fora um homem ruim, muito ruim. Desnecessário descrever a lista de suas maldades, as quais se iniciaram desde a tenra idade, quando torturar insetos, filhotes de pássaros, camundongos e animais maiores constituía-se em um de seus passatempos favoritos. Também a seus parentes próximos e colegas de escola infligira inúmeros suplícios. Quando adulto, sua esposa e filhos conheceram o lado obscuro que predominava em sua personalidade. A vizinhança dissera que dois de seus filhos não haviam perecido por acaso, mas nada puderam provar e, algum tempo depois, a mulher cedera a uma misteriosa doença da qual médico algum conseguira diagnosticar. O único filho que restara fugira de casa, não sem antes atear fogo ao lugar enquanto o pai ainda dormia. Todavia, por azar ou desígnio, o homem sobrevivera, não obstante as cicatrizes em seu rosto e corpo.

Custara-lhe muito a enxergar isso, uma vida inteira, e, agora, era o primeiro a admitir e arrepender-se. Não por força de sua sina, mas por reconhecimento próprio. E este viera em meio a um oceano de dor e angústia quando, na velhice, viu-se só e

enfermo, acometido por uma peste que só poderia ser interpretada pela somatória de todos os sofrimentos que causara ao longo de décadas. Cada nervo era a corda de um instrumento que, ao ser tocada, emitia uma nota de aflição. A melodia não o deixava dormir ou viver. Prolongara-se numa eternidade de dias, semanas e meses.

Quando a morte avizinhou-se de seu leito, entregara-se a ela com tanto alívio quanto ao que sentira aqueles que de seu fim tiveram conhecimento. Mas para Edgar, o almejado término da existência não lhe trouxera o descanso desejado. Sua carcaça odiada fora entregue a terra. Começara a apodrecer, contudo, dela sequer os vermes quiseram se valer.

Quanto ao espírito, arrependido ou não, certamente não iria para o Céu. Contudo, tampouco dirigira-se ao Inferno. A razão disso, sua alma encarcerada a um corpo decomposto sob sete palmos de terra só pudera conjecturar, até recordar-se das velhas histórias sobre o folclore em torno da figura do corpo-seco. Na escuridão claustrofóbica de seu esquite, entre inchaços, secreções e odores horripilantes, implorara pela paz da inconsciência. Isso durara semanas e semanas sem fim, cuja noção de tempo lhe fugia. Enfim, através de uma língua putrefata gritara à escuridão que faria qualquer coisa para que o suplício terminasse.

Em resposta, uma voz tenebrosa soara em seus ouvidos:

Seu infortúnio nada representa diante dos atos em vida cometidos. Ainda que o tormento sob a terra termine, seu destino final para além do sepulcro será o fim de um penhasco onde mais castigos o aguardam. Isso me diverte. Entrementes, podemos assinar um pacto: vigiará as sepulturas das pessoas de bem afim de impedir que a nefanda gentalha as violem. Após detê-las pela milésima vez, encontrará a libertação de um corpo putrefato e um caixão corroído. Aceita?

O espírito desgraçado de Edgar Clemm aceitou. Assim, tornou-se O Guardião dos Túmulos.

ATO III

Sobre a Bavária.

A madrugada ia alta.

Era um grande cemitério.

O silêncio reinava absoluto.

O Guardião viera de muito longe, através do oceano, rios, florestas e montanhas. Vagara na forma de um nevoeiro. Agora, no Velho Mundo, rastejava por entre túmulos e gramados úmidos.

Novecentos e noventa e nove.

Sim, era esse o número de sepulturas defendidas ao longo de meio século. Faltava somente um, uma última defesa antes de, por fim, dar o acordo por cumprido e encontrar o tão almejado descanso. Chegou até a orar para que um ladrão de sepultura se fizesse presente. De repente, sentiu que sua prece foi atendida.

Diante de um suntuoso mausoléu, uma figura postava-se ereto. Apesar do luar, não passava de um vulto como se uma sombra fosse. Não obstante o monumento não fosse de construção recente, para um saqueador, nenhum local de repouso encontrava-se seguro. Uma construção imponente como aquela poderia conter os restos mortais de pessoas ainda a ostentar suas riquezas pessoais: alianças, dentes de ouro, broches, abotoaduras. Ademais, ninguém visitaria seus entes falecidos àquele horário.

Haveria de ser o milésimo!

E então...

... livre!

A bruma transformou-se num bando de corvos a avançou feito um vento crocitante, uma força negra e sobrenatural. Poeira e folhas secas foram erguidas em seu rastro.

Surpreendentemente, porém, a figura que estava defronte ao mausoléu apercebeu-se da aproximação da entidade. Ao contrário do que seria de se esperar, não ficou congelada pelo pavor. Empertigou-se, encarou a manifestação que vinha em sua direção e para ela correu, rosto inflamado pela fúria. Ele próprio tornou-se outra coisa, igualmente desfazendo-se num bando de criaturas escuras e barulhentas, mas de natureza diversa:

Morcegos.

E eles trissavam.

Sua ventania exalava sangue.

Os dois bandos voaram um de encontro ao outro. As centenas de criaturas entremearam-se num confuso e macabro redemoinho.

Bicaram.

Morderam.

Arranharam.

Árvores se agitaram.

Poeira e grãos de areia ergueram-se.

O vento uivou em inúmeras vozes de almas perdidas.

Era uma cacofonia de vozes humanas e animais, nenhuma delas viva.

Em sua tempestade, a atmosfera carregada de eletricidade estática emitiu relâmpagos e trovões.

Então, o fenômeno assombrado silenciou e após o crepitar dos grãos sobre as lápides, a quietude predominou novamente.

Corvos e morcegos condensaram-se em esboços de formas humanas.

O Guardiã dos Túmulos viu-se diante da representação de um homem alto e esguio. Seria aristocrático, não fosse pela aura de morte que o cercava, assim como ocorria consigo próprio. A diferença residia num corpo bem constituído, ao contrário do seu — uma caricatura ressequida e chamuscada de zumbi ou morto-vivo —, ainda que de extrema palidez, os lábios avermelhados, os caninos proeminentes e os olhos hipnóticos.

Através da linguagem dos espíritos — que dispensava tradução —, o outro falou:

— Não pode matar o que já está morto, espectro. Chamo-me Anton. Por que me atacou? Responda!

— Julguei que fosse um ladrão de sepulturas. Sou O Guardiã dos Túmulos.

A criatura da noite estreitou seus olhos e meneou a cabeça.

— Hum, já ouvi falar sobre você e sua missão. Veio de muito longe, de uma nação a qual visitei certa feita. Lá deixei uma filha...

— "Filha"?

— Alguém como eu. Eu a transformei... Está uma bela noite, Guardiã. Neste cemitério, seu serviço não é necessário, pois dele eu sou o protetor.

— Também fez um pacto?

O outro balançou a cabeça negativamente.

— Minha sina tem outra origem. Como você, eu exalo o odor da morte, todavia, seu fim foi natural, enquanto a minha vida foi tomada por um vampiro. Seu destino foi consequência de seu caráter; o meu, da imprudência de estar no local errado e no momento errado. Espero que alcance a redenção que busca.

— Em breve. Minha redenção me conduzirá ao Inferno. Mas eu mereço. Por que guarda este lugar?

O vampiro limitou-se a voltar o rosto em direção ao mausoléu.

O Guardiã dos Túmulos acompanhou o olhar e deparou-se com uma placa suja de mármore na qual estava escrito:

Para Natália.

Unidos pela vida. Separados pelo destino. Juntos na Eternidade.

Com devoção e saudade,

Anton.

Era datada de mais de dois séculos.

— Compreendo. Perdoe-me a intrusão.

O vampiro suspirou.

— Busquei por ela através do tempo, na esperança de que seu espírito pudesse renascer. Não é nisso que os espíritas acreditam? Também acreditei. Viajei por terras distantes. Cruzei oceanos, selvas, desertos e montanhas. Perambulei na escuridão através de inúmeras culturas. Nunca a encontrei. Porém, guardo comigo a esperança de um dia juntar-me a ela na Eternidade. Quanto a você, faço votos de que o castigo que o aguarda lhe seja ameno.

O Guardiã dos Túmulos limitou-se a anuir num gesto de cabeça. Fazia tempo que não falava tanto. Jamais esperara encontrar uma outra entidade das trevas de certo modo semelhante a ele.

O vampiro falou:

— Adeus! Preciso me alimentar. Se retornar a sua terra, procure por Serafina.

— Serafina?

— Minha "filha"...

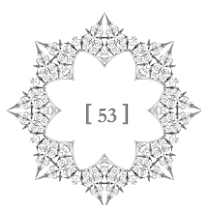
Voltou a se transformar em um bando de morcegos e, num farfalhar de centenas de asas, a massa escura desapareceu na friagem da noite.

Solitário, tendo por companhia somente a Lua, as estrelas e as lápides, a coisa que um dia fora o homem Edgar Clemm ficou um longo tempo a observar o magnífico mausoléu da mulher do vampiro. Dir-se-ia que orava. Como ela teria perecido? Intimamente, perguntou-se como seria amar e ser amado dessa maneira, através dos séculos. Nunca soube e jamais saberia porque a isso não dera oportunidade. Era tarde demais para descobrir.

Então, foi a sua vez. Transformou-se em um bando de corvos e ergueu-se nas alturas. Foi procurar outros cemitérios a fim de punir os saqueadores de tumbas pela última vez. Se tudo corresse conforme o pretendido, ao contrário das palavras do vampiro,

não mais retornaria ao seu país de origem. Libertar-se-ia dos grilhões que constituíam seu fétido esquite do outro lado do Atlântico.

Quiçá a morte não representasse o fim daquilo que se foi, mas o início do que estaria por vir.





APRESENTAMOS O CONTO

A MORTE

Por Vinicius Leal

Sobre o autor: possui graduação em História pelo Centro Universitário de Brasília uniCEUB - (2017). É autor de duas biografias: "Barbosa: a saga de um dos melhores goleiros do nosso futebol e "Arte e vida de Nonato Leal: atravessamento de sonhos e sons na Amazônia" É, também autor de contos publicados em 02 e-books ("No refúgio dos corvos - contos e poemas de terror, aventura e suspense" e "Bruxas - Contos e Poemas- VOL II"). Sua pesquisa é direcionada as seguintes temáticas: Memória social e literatura amazônica contemporânea, com destaque para o subgênero horror gótico e terror psicológico.

Nos últimos meses, nada me acalmava, apenas repentinas doses de devaneios, que teimavam em surgir trazendo-me esperanças fugazes. Uma certa angústia e uma sensação estranha se apossou de mim e foi criando raízes no meu coração. Na verdade, essa aflição foi minha única companhia desde que acostumei a flutuar sobre as asas da infelicidade. Para onde quer que eu fosse, ouvia passos e gritos fantasmagóricos que me confundiam profundamente. Talvez fosse mera superstição, mas diante dos últimos acontecimentos, acabei por acreditar que as pessoas são capazes de produzir energias, tanto para o bem quanto para o mal. Às vezes, podia senti-las - e isso vinha me deixando completamente exausto. Não tenho ciência do meu estado de consciência, na maior parte do tempo, misturo ficção e realidade, confesso que tenho bebido mais do que o normal.

Caminhei em direção à gélida varanda, puxei um cigarro e comecei a tragá-lo lentamente, e cada órgão do meu corpo era destruído pela nicotina. Apesar de tudo, a fumaça serviria de anestesia para acalmar a minha alma. Regressei até a sala para pegar mais uma garrafa de whisky e em poucas horas ela já estava completamente esvaziada. Acendi as luzes do meu aposento, coloquei uma peça de Johann Sebastian Bach e comecei a escrever sobre os tempos de infância. Apesar dos meus traumas já vividos e as feridas causadas pelo tempo, o mundo me parecia um lugar bem mais agradável. Uma sensação estranha pairava no ar. Tamanho era o meu desespero, que naquela noite meus versos poderiam fazer os anjos se compadecer de mim e a brisa do inferno provocarem novas chamas sobre minha existência. Inclinei-me sobre a cadeira e continuei a escrever.

Do nada, entrei em estado de choque e caí no chão, sob fortes espasmos musculares, até sentir uma inesperada crise epilética. Sofri uma possessão demoníaca e fui arremessado diversas vezes contra a parede. Meus ossos sentiram a sensação de terem se partido em mil pedaços, enquanto foram surgindo vários hematomas espalhados pelo meu corpo inteiro. O carpete espesso à minha volta estava completamente empoçado de sangue. Não sei quanto tempo fiquei estirado ali no chão, mas me pareceu uma eternidade! Ao abrir lentamente meus olhos trêmulos, vi-os se deparar com aquela tenebrosa imagem milenar, vinda de outro mundo, parecia uma criatura com uma feição familiar ...

Repentinamente, caminhou em minha direção, revelando o espectro de uma sombra meio desfigurada, de túnica escura, segurava uma foice entre as duas mãos. -“Mãe de misericórdia e pai dos desamparados”, murmurei lá no meu mais íntimo pensamento. Era a

terrível figura, aquela que interrompe abruptamente a existência humana e ceifa vidas sem dó nem piedade: era... ... a Morte! Seu espesso manto negro se contrastava com o brilho intenso da lua branca que podia ser vista pela janela do apartamento.

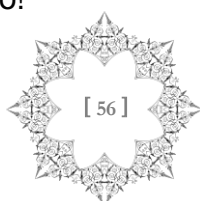
A visão aterrorizante daquele ser notívago provocou-me asfixia, tristeza, dor no estômago, ânsia de vômito e um intenso calafrio. Por um segundo, fiquei em dúvida, se tudo aquilo não seria delírio ou fantasia da minha imaginação. Aos poucos, fui recobrando a consciência e minhas vistas um tanto turvas foram voltando ao normal. E para meu espanto ainda maior, cheguei à fria conclusão de que aquilo... era real! Minha insanidade mental me colocava em xeque a todo instante, enquanto a esperança de que tudo não pudesse passar de mais um pesadelo surgiu como uma droga alucinógena, que carregava durante anos a fio em minha mente.

- “Muito curioso! ... o destino às vezes nos prega cada peça!” - voltei a raciocinar.

Mas uma voz misteriosa ecoou em meus ouvidos: -“A sua hora já havia chegado muito antes, em várias outras ocasiões. Contudo, minha foice nunca lhe alcançou! Hoje, tenho que apagar a sua luz. Provoquei doces delírios em seu juízo tão fragilizado e alimentei seus monstros e fantasmas que moram aí dentro do seu âmago. Até que lhe fiz chegar esse momento de pânico e aflição. Oh, como fico em estado de êxtase e prazer absoluto! Agora, posso lhe ver bem na minha frente, ajoelhado diante de mim, me pedindo clemência!” disse a Morte, com sua voz pausada, profunda e tenebrosa.

Um silêncio fúnebre se instalou naquela sala à meia-luz de penumbra. Depois de alguns instantes de silêncio, a Morte convidou-me para sentar, era como se um imã me atraísse! Obedeci prontamente, me aproximei dela. Sentia seu hálito frio congelando a minha carne, meus ossos, minha respiração e o meu coração palpitante... O corpo não tinha a menor força ou resistência para lutar! Não esbocei nenhum gesto de reação e, além disso, a minha alma começou a se distanciar da realidade, como se desejasse partir naquele momento. Em meu âmago, a ideia de ser recebido pela Morte sempre me atraiu. Olhei o brilho da esplêndida lua pela última vez e passei a sentir meus olhos se afogando em lágrimas que molhavam meu rosto, como se fossem carícias. Na verdade, nunca quis interromper a minha existência, apenas procurei anestesiar a minha dor.

Pouco a pouco, a Morte me cobriu com o seu manto tétrico, sem nenhuma hesitação... e me fez sentir uma coragem que nunca tive experimentado antes, de lhe retribuir o abraço do adeus, como um bom e velho amigo!





APRESENTAMOS O CONTO
CONTÊINER SOMBRIO

Por William F. Eugênio

Sobre o autor: Estudante de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Interessa-se pelos assuntos de culturas alternativas, biologia, cinema, matérias da graduação, psicologia, quadrinhos, rodovias e seriados. Observa o real mundo contemporâneo. Percebe a realidade e tecnologia diretamente interligadas. Interessa-se por viagens, basquete e faz sua parte na sociedade, sendo doador de sangue. Escreveu o conto para potencializar algumas ideias. E no fundo do coração, espera que tenha sido transmitidas de forma direta e eficaz.

Leilas são mais reais do que podemos imaginar. Intercalam-se em diversos cenários. E proporcionam reflexões a cada dia. Tic Tac. Tic Tac. Tic Tac. O relógio de ponto faz sua funcionalidade principal. 01:30hs da madrugada. 16 de agosto de 2020. Domingo. Região afastada. Perímetro Industrial. MG-886. Estrada para Monte Verde MG. Temperatura fria. Precipitação de orvalho. Condomínio Logístico Pier 22. Galpões Modulares. Com altura de 12 metros, proporção “*shed*”, 3 galpões modulares encravados em terreno elevado. Entremeio aos arbustos, mata selvagem, em terra fértil. A rotina seguia normalmente. Aos domingos, dia de limpeza e manutenção de diversos apetrechos e mecanismos utilizados nas operações.

De “*plantão*” no serviço, 8 funcionários, desembarcam neste instante do transporte fretado. Seguiam rapidamente para o refeitório. Conversas rápidas. Após passar a carteirinha, Yasmin, contorna assuntos da Graduação em História quase finalizada. Conversa com Isaac, o único interessado em livros e contos. O resto do grupo, André, Enzo, Gustavo, Heitor, Jack e Vagner, com bandejas em mãos, buscam seu “*querido*” café da manhã. Todos alimentam-se. “*Gu*” engole o pão de queijo, e o café fumegante. Sem perder o costume, solta o “*papo*” no refeitório. Para “*animar*” o pessoal, na madrugada.

— Ae “*galera*”! — *Temos trampo de lascar!* — diz o indignado, Gustavo.

— E gelado pra caralh... — exclama Jack “apelidado de velho da turma”.

— Limpeza de contêineres! — na “*calada*” da noite, água gelada, e frio! — É por isso que eu ganho tão bem? — André, expondo seu “*lado*” de trabalhador.

— Ah! Em falando nisso, o “*trem*” vem lá da Alemanha, de Hesse! — se não me engano, região dos Irmãos Grimm! — Yasmin contextualizando. — Nem imaginava!

— “*Irmãos Grimm*”? — “*balela*”, são apenas lendas! — André, cético e direto.

— “*Que nada, fera*”! — Enzo, aponta para Yasmin — Solta as tranças, “*rapunzel*”!

— Todos riem — enquanto Yasmin, solta as madeixas e faz cara de “*ninfeta*”.

— Uau! — alguém me empresta o carro? — Vagner, interessadíssimo no assunto.

— *Vamos lá pessoal!* “*Irmãos Grimm*” não pagam meu salário! — exclama, André.

Neste instante, todos levantam-se. Retiram seus pertences e deslocam-se para seus afazeres. Yasmin segue para o setor de T.I, para abrir as docas, para “*acelera*” os relatórios.

Enquanto os outros inseriam uniformes, botas, luvas e equipamentos de proteção individual. Em dois carrinhos plataforma, decidiram dividir-se em duas equipes. De um

lado, André, Enzo, Gustavo e do outro Heitor, Isaac, Jack e Vagner. Todos deslocam-se ao Galpão 3.

Jack entra em contato com Yasmin, pelo intercomunicador. Rapidamente ela observa a equipe, pelas câmeras de segurança. Rotineiramente, aperta os botões e os portões abrem-se lentamente. Em seguida, as lâmpadas acendem-se em questões de segundos.

Em seu interior existiam três contêineres. Muito comum em terminais de carga, e transportam infinidade de produtos e polivalentes mercadorias. Porém esse é um dia atípico. O contêiner do meio chama a atenção devido a um único detalhe. Era de cor preta. E sem nenhuma numeração, ou configuração de origem. A equipe movimenta-se ao seu redor, da caixa de metal composta de chapas de aço ondulado de 14 milímetros, 40 “pés” de extensão. Enzo, tentou tocar o contêiner. Foi arremessado há doze metros de distância. Todos assustam-se. Ele deslocou-se de forma desajeitada até parar. Gustavo, Heitor, Jack vão ao seu encontro. Enquanto tiram todas folhas e limpam a roupa empoeirada, Enzo indaga na sequência:

— *Saquei, galera!* — “*É pegadinha né?*” — Doideira, “*véio!*” — Retorna rápido.

Jack conversa com Yasmin novamente. Pergunta sobre o contêiner. Ela rapidamente explica que existem apenas dois contêineres para limpeza. E observa pelas câmeras. Existiam apenas dois e não três, como percebido pela equipe. Ele pede para ela descer, e verificar com seus próprios olhos. Em apenas minutos ela chega ao armazém. E também não acredita em que seus olhos veem. Heitor, fez o comentário da madrugada:

— *Mulheres na frente!* — Enquanto ri da situação.

— “*Uai, nunca vi isso!* Vou tentar! — enquanto Yasmin, com as duas mãos tocam com calma nas alças de abertura do contêiner. Neste instante todos observam. Aproximam-se cada vez mais da porta de acesso. Vagarosamente e com medo, entreabriu as portas. Centenas de corvos intercalaram-se diante aos seus olhos. Uma revoada, que saiu de forma sem igual de dentro do compartimento, que assustou toda a equipe. Todos estes pássaros saíram pela porta de acesso. A equipe abaixou-se e aguardaram os últimos a saírem do contêiner. Algo ocorreu em seguida. O contêiner tornou-se translúcido, completamente transparente, com aparência de vidro. Mais um enigma. Mais uma porta. Porém ao lado da fechadura, um ossinho. Isaac fala com Yasmin. Pede para ela não abrir esta porta. Percebe que eles estão entrando em uma enrascada. Lembrou na hora, sobre o “ossinho” remetia ao conto dos “*Sete Corvos*”, dos Irmãos Grimm. E poderiam ser, pai,

mãe e filha, os três contêineres vindos da Alemanha. Mas já era tarde demais. Jack e os demais pegaram o ossinho e abriram a porta. Neste instante, todos os 8 funcionários transformaram-se de forma simultânea em minúsculas moléculas, e foram absorvidos por um vórtex de energia, como um buraco negro, que saía de dentro do contêiner. Foram absorvidos para dentro do enorme compartimento.

Todos acordaram dentro do contêiner, agora todo branco. Iluminado porém sem nenhuma porta ou acesso. Yasmin coça a cabeça. Isaac, pergunta para ela:

— *Como termina a história?* — Estamos na montanha de vidro? — Só pode ser!

— Ah não! Isso não é nada bom! — Yasmin, insegura neste momento.

André, Enzo, Gustavo, Heitor, Jack e Vagner aproximam-se de Yasmin.

— *O que podemos fazer?* — Perguntam todos a ela. Pensativos e apreensivos.

Yasmin responde: — Achem algo para cortar e uma fechadura. — Intercalando:

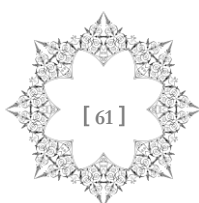
— Dentro deste lugar tem que ter uma saída! — Tem que ter um caminho!

Isaac pergunta a ela, o que faria com o canivete que tinha no bolso. Enquanto o resto do pessoal busca no vazio alguma porta, fechadura ou saída. Passaram-se horas. Nenhuma saída foi encontrada. Estão todos com fome e sede. Cansados da busca sem nenhum sentido ou resultado. Isaac é o único a continuar a busca. O resto deitou-se e não tinham mais ideias para compartilhar. Yasmin está visualmente cansada. Sentou-se no vazio. Um branco infinito. Uma lágrima escorreu de seus olhos. Não tinha mais esperança. A gotícula caiu de sua face. Instantes de passam. De forma molecular, pedaço por pedaço, uma porta aparece, diante aos olhos da equipe. Neste momento ela desabou em lágrimas. Todos ficaram sem entender nada. Isaac, explica sobre o assunto. De acordo com a história, para sair do local aprisionado, ela teria que tirar um pedaço do dedo para colocar na fechadura. Para que todos pudessem sair. Nenhum deles concordou sobre isso. Pediram para ela não fazer. Mas ela já não aguentava mais ficar naquele vazio, branco e claustrofóbico. Nada a segurou. Sem piedade, agacha-se. Retira seu anel de noivado. Mão direita no chão branco. Pega o canivete. Sem pensar duas vezes, em uma única chance corta o dedo mindinho. Sentiu uma dor horripilante. Chora e sente medo. Coloca rapidamente um pedaço de pano para estancar o ferimento. Todos os sete amigos transformaram-se em corvos. Inseriu na fechadura, o dedo cortado. Girou levemente. Abre a porta. O cenário muda instantaneamente. Em uma catedral histórica alemã, diante aos seus olhos, a garota de roupa fúnebre, com asas compostas de corvos todos aglomerados nas costas, e em seus olhos azuis cintilantes, puxa-a para sentar. Yasmin, visualiza uma

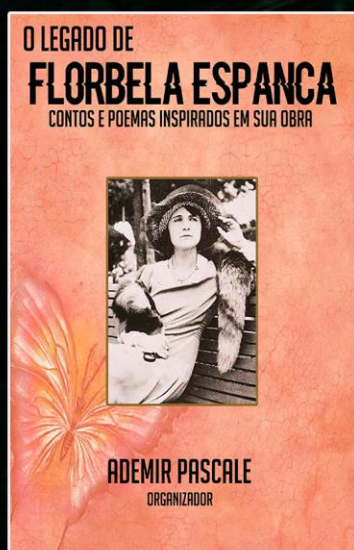
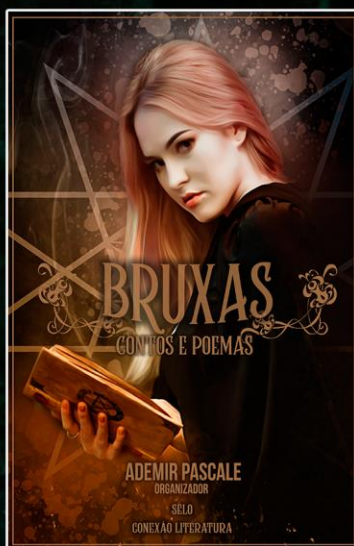
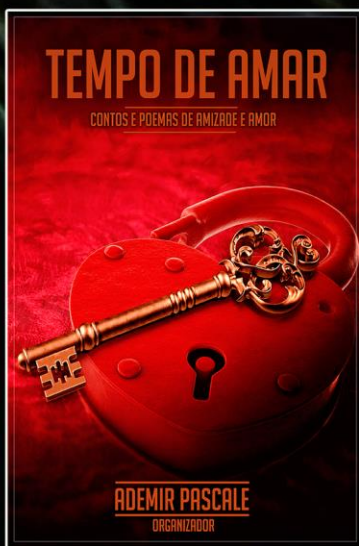
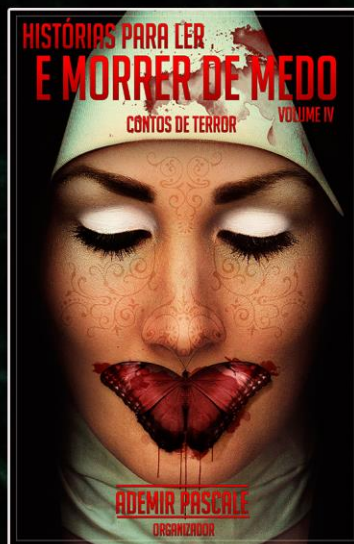
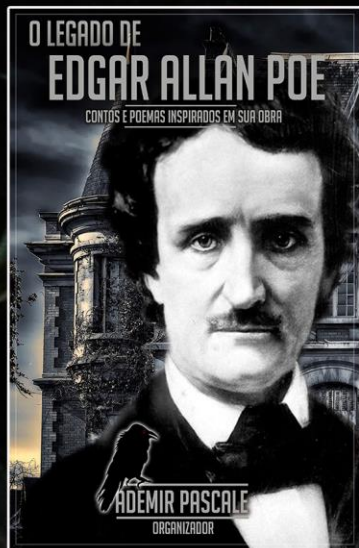
enorme mesa. Em puro angelim vermelho. Devidamente organizada, sete cadeiras, existiam sete pratos, um jarro com água. Sete pedaços de pão. Sete copos.

Neste instante, Yasmin percebe a sua missão. Come e bebe cada pedacinho de todos os itens trazidos. Para finalizar, entrega seu anel de noivado com uma estrela em ornamento, enquanto toca na mão gélida do ser, e abraça a “*alma*” espectral ou na substância visível ectoplásmica. Depois deste momento, todos pensam que estariam de volta a realidade. Porém isso nunca ocorreu. Todos os funcionários são procurados, mesmo em dias atuais. Para a polícia científica, todos os 8 envolvidos no dia 16 de agosto de 2020 sumiram sem deixar rastros, ou mesmo qualquer dica de como desapareceram, sem deixar vestígios. Foram utilizadas diversas investigações possíveis, hipóteses e muita pesquisa. Ninguém ao certo, sabe o que ocorreu com todos. As câmeras no galpão não tem registros de nenhuma gravação no dia, nem em servidores “*cloud*”. Para a população local, este fato virou lenda e também um conto popular. Um mistério, sem solução. Para os familiares, na comunidade alemã, que habita na região mineira, restou a alternativa de acreditar no desaparecimento inoportuno e insolucionável. Uma história e tanto aos interessados. Muitos dizem que as “*gralhas*” nos eucaliptos, arvoredos e na vegetação local são desta história. E que em noite de lua cheia, quando o vento sopra, podemos escutar as almas destas pessoas.

No entanto, para a equipe desaparecida, todos vivem em um momento diferente. Foram transferidos para outra dimensão. Para um reino repleto de magia e aventura. Buscam a cada dia uma nova maneira de voltar a nossa realidade. Ainda não conseguiram retornar, mas sabem que estão em outra dimensão paralela, longe de nosso mundo real.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI